



atos

do conselho geral

ano LXIX — janeiro - março, 1988

n. 324

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 324

ano LXIX

janeiro-março

1988

| | | |
|------------------------|---|---|
| 1. CARTA DO REITOR-MOR | 1.1. Pe. Egidio VIGANÓ A Eucaristia no espírito apostólico de Dom Bosco | 3 |
|------------------------|---|---|

| | | |
|-----------------------------|---------------------|--|
| 2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES | NÃO HÁ NESTE NÚMERO | |
|-----------------------------|---------------------|--|

| | | |
|-------------------------|---|----|
| 3. DISPOSIÇÕES E NORMAS | 3.1. Crônica da Casa: um compro- misso de fidelidade | 41 |
|-------------------------|---|----|

| | | |
|------------------------------------|---|----------|
| 4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL | 4.1. Crônica do Reitor-Mor 4.2. Crônica dos Conselheiros | 47 47 |
|------------------------------------|---|----------|

| | | |
|--------------------------|--|----------------------------|
| 5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS | 5.1. Sínodo dos Bispos Palavra do Reitor-Mor 5.2. Seminário: "Pedagogistas Salesianos" — Síntese dos tra- balhos e conclusões Síntese dos trabalhos e Conclusões 5.3. Novo Bispo Salesiano 5.4. Irmãos falecidos | 59 65 65 69 70 |
|--------------------------|--|----------------------------|

1. CARTA DO REITOR-MOR

A EUCARISTIA NO ESPÍRITO APOSTÓLICO DE DOM BOSCO

O tema vital que mede o nosso espírito e a nossa ação — Dom Bosco e a Eucaristia: Missa, Comunhão, Adoração — A perspectiva eucarística do Concílio Vaticano II — A obra-prima do Pai: “fazer do Cristo o coração do mundo” — A insuperável obra pascal de Cristo — A permanência viva dos acontecimentos da Nova Aliança — As maravilhas da “sacramentalidade” eclesial — A adoração e a missão — O compromisso pastoral de “gerar” Igreja — Algumas exigências concretas da pedagogia eucarística de Dom Bosco — Uma devoção a Nossa Senhora que leva à Eucaristia.

Roma, Solenidade da Imaculada, 8 de dezembro de 1987.

Caros Irmãos,

escrevo-lhes na solenidade da Imaculada, grande aurora do Natal de Cristo. É um dia extraordinariamente significativo para a Família Salesiana: enquanto nos leva com gratidão às origens, nos lança mais corajosamente nas maiores realidades. Possa chegar a cada um de vocês a minha saudação, portadora das esperanças do Advento.

Iniciamos um novo ano particularmente dedicado à memória profética do nosso Fundador. Sentimo-nos mandados por ele para preencher com a interioridade e a criatividade apostólica a renovação da Profissão salesiana no próximo dia 14 de maio: uma escolha entre as mais altas, que reconfirma o ministério da nossa Aliança com Deus para uma sua expressão mais íntima e plena¹.

O tema vital que mede o nosso espírito e a nossa ação

Gosto de refletir com vocês, neste Ano de graça, sobre um aspecto que considero central na personalidade de Dom Bosco e no patrimônio apostólico que ele nos deixou como herança: o lugar que deve ocupar a Eucaristia no nosso espírito e na nossa ação.

¹ Cf. Const. 23.

Já lhes falara “inicialmente” deste assunto na minha carta circular sobre o “Projeto educativo salesiano”, refletindo sobre o significado do “educar evangelizando”².

É o tema mais vital que nos avalia. A Eucaristia, de fato, como lemos no cap. 2.º das Constituições, é a fonte da caridade pastoral salesiana³, a nossa participação ao coração de Cristo⁴, a experiência da nossa união com Deus⁵, a comunhão viva de cada um de nós com a Igreja⁶, a confirmação do peculiar dom da nossa predileção pelos jovens⁷, a energia da bondade, da amizade, do otimismo, da alegria, do compromisso cotidiano de trabalho e temperança e da praticidade criativa da nossa atitude apostólica⁸: ou seja, o grande motor do “espírito salesiano”.

As Constituições, em particular, lembram que a Celebração da Eucaristia “é o ato central cotidiano de toda a comunidade salesiana” e que a presença do tabernáculo em casa é “motivo de freqüentes encontros com Cristo, do qual “haurimos dinamismo e constância em nosso trabalho a favor dos jovens”⁹.

Estamos profundamente conscientes daquilo que afirma o Concílio Vaticano II, que a liturgia, da qual a Eucaristia representa a expressão máxima, é o “cume para o qual tende a ação da Igreja e ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana toda a sua força”¹⁰.

Os Padres já afirmavam que a liturgia “é ao mesmo tempo ponto alto da sabedoria e cume da religião”, “salvação dos fiéis e seu progresso espiritual”.

As numerosas palavras de Cristo “quem come a minha carne e bebe o meu sangue, vive em mim e eu vivo nele”¹¹, são, em todos os séculos, a verdadeira medida da fé cristã. Como na primeira hora, também hoje muitos não compreendem: “a partir

² Cf. ACS n. 290, julho-dezembro 1978.

³ Cf. Const. 10.

⁴ Cf. Const. 11.

⁵ Cf. Const. 12.

⁶ Cf. Const. 13.

⁷ Const. 14.

⁸ Cf. Const. 15, 16, 17, 18, 19.

⁹ Const. 88.

¹⁰ Sacrosanctum Concilium.

¹¹ Jo 6,56.

desse momento, muitos discípulos voltaram atrás e não andavam mais com Jesus”¹².

O enfraquecimento da centralidade da Eucaristia no espírito e no apostolado salesiano resultaria, queridos irmãos, num desvio da tradição viva de Dom Bosco (unida naquela perene da Igreja) e numa expressão muito perigosa de superficialidade pastoral e pedagógica.

Dom Bosco e a Eucaristia

Um perfil da vida de Dom Bosco em seu aspecto eucarístico teria um brilho estimulante. Aqui lembraremos brevemente alguns aspectos já conhecidos, mas seguramente orientadores.

O Cristo que domina a existência de Dom Bosco é, geralmente, o Cristo vivo e presente na Eucaristia, o “dono da casa” (como costumava dizer), o centro de atração para o qual tudo tende, o “pão da vida”, o “Filho de Maria”, Mãe de Deus e da Igreja. Dom Bosco viveu desta presença e nesta presença ao seu alcance.

Muitas vezes, quando falava de Deus, lembrava a presença de Jesus-Eucaristia, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, descido do céu para nos salvar, morto na cruz por nós e sempre vivo no altar e nos tabernáculos. Nada de mais acessível e ao mesmo tempo mais exaltante. Ter Jesus em Casa, de fato, queria dizer poder encontrar-se com Ele à hora que se quer, participar da sua Páscoa, falar-lhe de coração a coração, recebê-Lo na comunhão, deixar-se transformar pelo seu Espírito a favor da missão¹³.

A vida do nosso querido Pai, desde os anos da meninice, e a história do primitivo Oratório são um verdadeiro hino à Eucaristia. Que sentimentos experimentavam os seus melhores jovens o podem fazer intuíto as seguintes vibrantes afirmações de Domingos Sávio: “Quando passo perto dEle (Jesus na Eucaristia) não só me jogaria na lama para honrá-lo, como também me jogaria no fogo, porque assim participaria do fogo de caridade infinita que O inspirou a instituir este grande Sacramento”¹⁴.

¹² Jo 6,66.

¹³ Cf. por ex., G. Bosco, *Il Giovane Provveduto*, Turim, 1863. p. 129.

¹⁴ *Opere e Scritti Editi e Inediti di Don Bosco...* aos cuidados da Pia Sociedade Salesiana (introduções, estudos e comentários de Alberto Caviglia), v. VI, Turim, 1929-1965 = citado: ed. Caviglia, v. 4, Sávio, c. 14, p. 37.

Atrás deste garoto santo estava Dom Bosco, seu guia espiritual, que lhe transmitia o seu fogo eucarístico. De fato “muitas vezes — escreve o Pe. Lemoyne — fazendo sermões, ao descrever o enorme amor de Jesus pelos homens, chorava ele e fazia chorar os outros de santa emoção. Também no recreio falando às vezes da SS. Eucaristia o seu rosto se iluminava de um santo ardor e dizia muitas vezes aos jovens: — Queridos jovens, queremos estar alegres e contentes? Amemos com todo o coração a Jesus no Sacramento. — E às suas palavras os corações todos eram compenetrados pela verdade da presença real de Jesus Cristo. Ninguém pode descrever a sua alegria quando na igreja podia conseguir ter todos os dias um certo número de jovens que comungavam revezando-se”¹⁵.

Lembramos algumas das mais significativas afirmações de Dom Bosco com relação aos três grandes momentos da Eucaristia: a celebração da Missa, a Comunhão sacramental e a Adoração eucarística.

— *A Missa*. “O sacrifício do altar — escreve Dom Bosco — é a glória, a vida, o coração do cristianismo”¹⁶. “Como não se pode imaginar coisa mais santa, mais preciosa do que o Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade de Jesus Cristo, assim quando vós irdes à santa Missa — afirma aos jovens — quero que estejais persuadidos que fazeis uma ação a maior, a mais santa, a mais gloriosa a Deus e a mais útil à vossa alma. Jesus Cristo vem Ele mesmo pessoalmente para aplicar a cada um em particular os méritos daquele Sangue adorabilíssimo, que derramou por nós sobre o Calvário na cruz”¹⁷.

E mais eloqüente do que as palavras era o seu exemplo. Escrevia o Pe. Céria: “Celebrava recolhido, devoto, exato; pronunciava as palavras com clareza e unção; gostava visivelmente de distribuir a santa comunhão, não conseguindo disfarçar o fervor do espírito. Nada de esquisito ou que chamasse a atenção, mas também nem lento, nem rápido, comportava-se do começo ao fim com calma e naturalidade... Assim o viram no altar os

¹⁵ MB 4, 457-458.

¹⁶ G. Bosco, *Il Cattolico Istruito nella sua Religione* = Leituras Católicas I (1853-1854) 9, p. 191.

¹⁷ G. Bosco, *Il Giovane Provveduto*, Turim, 1847, em “Opere Edite” v. II (p. 265).

Salesianos da primeira geração, assim o vimos nós últimos chegados”¹⁸.

A sua união com Cristo na celebração da Eucaristia tocava alturas sublimes: “de vez em quando o seu rosto ficava molhado de lágrimas... Aconteceu também que após a elevação parecesse tão extasiado ao ponto que dava a impressão estivesse vendo Jesus Cristo com os próprios olhos”¹⁹. Isto lhe acontecia mais freqüentemente nos últimos anos²⁰. A sua era verdadeiramente a celebração de um fiel e não poucos também de longe vinham para assisti-la e os cooperadores e benfeitores que tinham o privilégio da capela em casa o disputavam.

A sua grande preocupação pedagógica era aquela de ajudar os jovens a perceber a realidade sacramental da Missa: “Compreendei, ó filhos, que assistindo à santa Missa é o mesmo que vísseis o divino Salvador sair de Jerusalém e carregar a cruz em direção ao monte Calvário, onde ao chegar foi... crucificado derramando até a última gota o seu sangue. Este mesmo sacrifício renova o sacerdote enquanto celebra a santa Missa, de maneira porém incruenta”²¹.

A Missa depois era o grande centro das festas celebradas entre os jovens, que eram realizadas com verdadeira solenidade de clero, de música e de canto. Descia-se até Valdocco de diferentes bairros da cidade para participar da festiva celebração eucarística.

— *A Comunhão*. O momento do banquete sacramental é um outro ponto central do espírito e da ação de Dom Bosco. Ele define a Comunhão eucarística como “o cerne do bom andamento da casa”²²; a “grande coluna que sustenta o mundo moral e material”²³; “o mais válido sustento da juventude”²⁴; “o alicerce das vocações”²⁵.

¹⁸ E. Cèria, *Don Bosco con Dio, Colle Don Bosco* (Asti) 1947, p. 97-98; cf. MB I, 520.

¹⁹ MB IV, 454; cf. MB 13, 897.

²⁰ Cf. MB XVII, 558-559.

²¹ G. Bosco, *Il Giovane Provveduto*, Turim, 1847, p. 84-85, ob. cit. (p. 264-265).

²² MB VII, 795.

²³ *Epistolario di S. G. Bosco*, aos cuidados de E. Cèria, SEI, Turim, 1955, v. I, p. 299.

²⁴ Cf. MB VI, 145.

²⁵ Cf. MB XIV, 44.

Estas expressões são significativas, mas não encerram todo o pensamento de Dom Bosco, que na Comunhão vive em primeira pessoa o encontro mais íntimo com Jesus Cristo que o incorpora a Si e o torna apóstolo com o poder do Seu Espírito.

Podemos perceber um eco longínquo nas palavras que concluem a sua conferência feita na Arcádia (Roma) em 1876: “Concedei-nos, ó Deus, reza a Santa Igreja, que participando dos méritos do corpo e do sangue imolado na Cruz mereçamos ser inscritos entre os vossos membros... Feitos membros do Sacratíssimo Corpo de Jesus, devemos permanecer intimamente unidos a Ele, mas não abstratamente, mas concretamente, no crer e no trabalhar”²⁶.

Não existe “felicidade” maior na terra — dizia aos jovens — do que aquela que traz a Comunhão bem feita: “Oh que felicidade poder receber no nosso coração o Divino Redentor! aquele Deus que nos deve dar a fortaleza e a constância necessárias em cada momento da nossa vida”²⁷.

As biografias de Comollo, Sávio, Magone, Besucci todas elas trazem, entre outras, palavras ardentes sobre a Missa, a Comunhão, o Viático, que transforma o medo da morte num abraço com Jesus. “Se quero algo grande — dizia Domingos Sávio — vou receber a Hóstia santa, onde encontra-se ‘corpus quod por nobis traditum est’, isto é, aquele corpo, sangue, alma e divindade que Jesus Cristo ofereceu ao seu eterno Pai por nós sobre a cruz. O que me falta para ser feliz? Nada neste mundo; falta-me só poder gozar plenamente no céu Aquele que agora com olhar de fé admiro e adoro sobre o altar”²⁸.

A escola de Dom Bosco, promotor da Comunhão freqüente, cresciam realmente jovens com fé viva, forte, que através da Eucaristia galgavam os cumes da santidade.

Pode ser significativo a este propósito a inserção no seu “Jovem Instruído” da tradução do texto do Concílio de Trento, até agora apresentado só em seu sentido geral, mas que expressado na sua integridade adquiriria maior valor: “Seria algo sumamente desejável que cada fiel cristão se mantivesse em tal situação de consciência assim que pudesse fazer a santa Comunhão

²⁶ MB XII, 641.

²⁷ MB XII, 29.

²⁸ Ed. Caviglia, v. 4, *Sávio*, c. 14, p. 35.

toda vez que assiste à santa Missa. E isto não só com relação à Comunhão espiritual, mas também à Comunhão sacramental, para que seja mais abundante o fruto que se recebe deste Sacramento”²⁹.

Também ele estava entre os mais convictos e válidos sustentadores da Primeira Comunhão antecipada a uma idade mais jovem: “afaste-se como a peste a opinião dos que pretendem diferir a primeira comunhão para uma idade demasiado adiantada”³⁰.

— *A Adoração*. A consciência da presença viva de Cristo na Hóstia consagrada estimula a uma atitude consciente de adoração. É esta uma peculiar característica da piedade católica do século XIX em particular em Turim, cidade do SS. Sacramento. No Oratório de Valdocco esta piedade brota do coração eucarístico de Dom Bosco, das convicções que ele sabe criar nos seus jovens que Jesus mora na casa: está presente, com o seu amor infinito, para ser o Amigo de cada dia.

É verdade que as modalidades de piedade eucarística vividas no Oratório são aquelas que floresciaam na época em toda a diocese e nas paróquias: horas de adoração, tríduos eucarísticos, bênção do Santíssimo, procissões e sobretudo, pelo seu valor pedagógico, visitas individuais e coletivas; porém Dom Bosco sabia motivá-las inteligentemente com uma validade santificadora que ainda hoje nos questiona.

Se Jesus, com sua presença permanente, está no centro e no coração da casa salesiana, não é possível esquecê-lo. Por isso a importância de cultivar diferentes expressões de piedade contemplativa na vida e na ação dos seus. O convite que Dom Bosco faz aos próprios jovens para que visitem muitas vezes Jesus no Sacramento, a Lhe pedir graças espirituais e materiais, a dialogar, a contemplar a sua Páscoa, a ficar um pouco com Ele, é entre os mais frequentes: “Lembra-vos — escreve —, ó filhos, que Jesus encontra-se no SS. Sacramento rico de graças a serem distribuídas para quem as pede”³¹.

²⁹ G. Bosco, *Il Giovane Provveduto*, Turim, 1885, p. 108, em “Opere Edite” v. XXXV; cf. Conc. de Trento Sess. XXII, c. 6, em Denzinger-Rahner 1955 n. 944; cf. tb G. Bosco, *Il Sistema Preventivo...* 2, VIII (apênd. Const. p. 234).

³⁰ G. Bosco, *Il Sistema Preventivo...* 2, VII (ib.).

³¹ G. Bosco, *Giovane Provveduto*, Turim, 1847, p. 103.

E ainda: “Recomendo-vos a visita ao SS. Sacramento: ‘O amável Nosso Senhor Jesus Cristo está aí pessoalmente’ exclamava o vigário de Ars; vamos aos pés do Tabernáculo somente para rezar um Pater, Ave e Glória quando não pudéssemos rezar mais. É suficiente isto para nos tornarmos fortes”³².

E numa Boa-noite³³ insistiu com paternal convicção: “Não há coisa que o demônio tenha mais medo do que estas duas práticas: a Comunhão bem feita e as visitas freqüentes ao SS. Sacramento. Quereis que Deus vos faça muitas graças? Visitai-O muitas vezes. Quereis que Ele vos faça poucas? Visitai-O poucas vezes”. As visitas, acrescentava, são uma arma infalível contra os ataques do inimigo: “Meus queridos, a visita ao Santíssimo é um meio muito útil para vencer o demônio. Ide portanto muitas vezes visitar Jesus e o demônio não vos vencerá”³⁴.

É certo que o espírito e a pedagogia de Dom Bosco dão particular importância à amizade, à adoração do Cristo presente na Eucaristia. Domingos Sávio, Magone, Besucci fizeram disso tesouro; e se isto não se pode dizer de todos os jovens do Oratório, não eram certamente poucos aqueles que os imitavam.

Esta dominante manifestação eucarística combina porém com a prática educativa que visa a formação integral dos jovens. Nela as exigências e as instâncias humanas são tomadas a sério, de acordo com todo o seu conteúdo. Desde as necessidades primárias e materiais — casa, comida e roupa — até àquelas intelectuais, morais, culturais; desde a educação ao trabalho, ao estudo, à arte, para uma digna inserção na sociedade, à satisfação das necessidades fundamentais da idade juvenil, como o desejo da própria afirmação, o uso correto da liberdade (“ampla liberdade de pular, correr, gritar à vontade”), a promoção de atividades de lazer, o teatro, a música etc.

Uma educação, portanto completa e alegre, cujo segredo porém (como aparece nos modelos por ele cuidadosamente descritos) nos fala de corações juvenis concentrados na Eucaristia (na Missa, Comunhão, Adoração), ou seja, sobre Jesus vivo e presente, conhecido, amado e visitado como Amigo mais querido. Jovens dos quais transparecia a bondade, o ardor, a alegria que

³² MB IX, 355.

³³ 24 de fevereiro de 1865.

³⁴ MB VIII, 49.

brotava de uma experiência sacramental com Cristo, cuja influência benéfica sobre toda a conduta era evidente.

Podemos concluir este rápido resumo sobre a centralidade da Eucaristia no espírito e na ação de Dom Bosco lembrando o que significou de compromisso heróico uma devoção para ele inseparável da Eucaristia, aquela do Sagrado Coração, concretizada — com a entrega de suas últimas energias — na construção do seu Templo em Roma. Ele mesmo afirmara que a “devoção ao Sagrado Coração de Jesus todas as encerra” e que a fonte desta devoção encontra-se exatamente no SS. Sacramento. “Tende sempre diante de vós — disse em Paris — o pensamento do amor de Deus na Santa Eucaristia”³⁵.

As constituições nos asseguram que “Dom Bosco viveu e nos transmitiu um estilo original de vida e da ação: o espírito salesiano”³⁶.

Este espírito “encontra seu modelo e fonte no próprio coração de Cristo, apóstolo do Pai”³⁷.

Assim, nós podemos acrescentar que para Dom Bosco esta realidade de vida e de participação aos anseios redentores do Coração de Jesus concentra-se concretamente, com intensidade interior, no grande e inefável mistério da Eucaristia.

A perspectiva eucarística do Concílio Vaticano II

Costuma-se afirmar que a mentalidade, a linguagem e a catequese do século passado em relação ao mistério eucarístico estão marcadas por uma visão não orgânica e um tanto restritiva. Sabemos que por razões históricas a cristandade medieval intensificou o culto sobre a permanência da presença real nas espécies consagradas. O mesmo Concílio de Trento, herdeiro daquele passado, trata separadamente da Eucaristia como Sacramento permanente³⁸ e do Sacrifício da Missa³⁹; os intérpretes posteriores acentuaram pastoralmente uma certa separação na piedade popular entre “Sacrifício da Missa” e permanência da presença

³⁵ MB XVI, 195.

³⁶ Const. 10.

³⁷ Const. 11.

³⁸ Conc. de Trento, sess. XXI.

³⁹ Conc. de Trento, sess. XXII.

real nas espécies consagradas. Os piedosos exercícios de então, sem menosprezar o valor da Missa, foram-se orientando mais sobre a permanência do Sacramento com expressões culturais variadas e múltiplas.

Para nós hoje o tempo do século XIX é “coisa do passado”; devemos porém reconhecer que nele amadureceu uma santidade concreta nos educadores e nos jovens.

Na Igreja, após o Concílio Vaticano II, existe um autêntico progresso de qualidade eclesiológica na doutrina, fortemente orgânica, do mistério pascal (da qual a Eucaristia é Sacramento) e em todo o culto litúrgico. Encontramos um novo aprofundamento dos conceitos da Páscoa, da Nova Aliança, do Sacerdócio, da presença real, do Corpo de Cristo, da Comunhão e Missão, numa palavra, de “Sacramento” que reapresenta o culto eucarístico numa perspectiva litúrgica e de “piedade” fortemente renovadas.

Deve-se também acrescentar, em todo caso, que as diretrizes pós-conciliares⁴⁰ consentem recuperar, renovando-os, não poucos valores devocionais do passado, também se indiretamente ligados a uma visão imperfeita.

Mas aqui se apresenta um desafio: diante de uma visão eucarística mais rica e orgânica, lançada pelo Concílio Vaticano II, deveriam corresponder uma prática espiritual e uma pedagogia pastoral muito mais intensas e marcantes.

O que se vê, no entanto, ao menos n'alguns ambientes que se consideram de vanguarda e supravalorizam de maneira unilateral os aspectos culturais humanos, sem terem feito um indispensável e atento discernimento dos valores proféticos testemunhados por Dom Bosco sobre a absoluta centralidade da Eucaristia, exatamente para uma mais autêntica e válida formação do homem?

Encontramo-nos, às vezes, diante de uma atividade pedagógica que empobreceu e está carente de dinamismo genuinamente “pastoral”; para nós ela não responde suficientemente ao estímulo salesiano do “Da mihi animas”.

⁴⁰ Cf. por ex., *Eucharisticum Mysterium*, Instrução da S. Congregação dos ritos, 25 de maio de 1967.

O Concílio Vaticano II não veio eliminar, mas sim intensificar e relançar mais autenticamente a formidável eficácia da Eucaristia no nosso espírito e na nossa ação.

Somos chamados, hoje, a valorizar a prática que nos foi deixada por Dom Bosco com as propostas conciliares do mistério eucarístico. Devemos conhecer e saber traduzir na vida cotidiana esta ampliação de horizontes.

Como ficaria feliz o nosso Pai e como traduziria em iniciativas pedagógicas as afirmações do Concílio! “A Sagrada Eucaristia — afirma, por ex., o Decreto “Presbyterorum Ordinis” — contém todo o bem espiritual da Igreja. A Eucaristia se apresenta como fonte e ápice de toda evangelização, e os fiéis, uma vez assinalados pelo santo Batismo e Confirmação, são plenamente inseridos no Corpo de Cristo pela recepção da Eucaristia. É pois a Assembléia Eucarística o centro desta comunidade de fiéis. A casa de oração — na qual se celebra e guarda a SS. Eucaristia, onde ainda se congregam os cristãos e é venerada, para auxílio e consolação dos fiéis, a presença do Filho de Deus nosso Salvador, oferecido por nós no altar do sacrifício — deve mostrar-se luzente e apta para a oração e as celebrações religiosas. Nela, Pastores e Fiéis são convidados a corresponder com gratidão ao dom d’Aquele que pela sua humanidade, infunde continuamente a vida divina nos membros do seu Corpo.

Esforcem-se os Presbíteros por cultivar retamente a ciência e a arte litúrgica”⁴¹.

Dom Bosco tornou-se o grande Pastor juvenil que conhecemos, exatamente pela sua profunda adesão e participação ao mistério eucarístico. Se uma certa mentalidade e uma certa linguagem do seu século necessitam de atualização, isto não deve fazer empobrecer o seu papel de Fundador profético.

Somos chamados a reler na prática os valores formativos da Eucaristia na sintonia de uma mesma fé que o torna, também hoje para nós, um insuperável modelo de pastor e educador com um constante estímulo para santas iniciativas. O essencial, de fato, é: Jesus Cristo conosco! O acontecimento pascal colocado à nossa disposição aqui e agora! o Emanuel que intervém cotidianamente na formação do Homem novo!

⁴¹ Presbyterorum ordinis, 5.

Vale portanto, queridos irmãos, que aprofundemos um tema tão essencial; ele poderia qualificar o nosso Ano centenário com a redescoberta em profundidade daquela “Pedagogia da bondade” que nos é proposta pela Estréia para celebrar a memória e a profecia de Dom Bosco.

As reflexões que lhe ofereço servirão para lembrar e sintetizar tantas meditações feitas por cada um ao longo da própria vida salesiana, para perceber melhor e para relançar tudo o que não caiu — e é o essencial — na prática eucarística do nosso Pai. Só assim seremos capazes de renovar com autenticidade uma pastoral e uma pedagogia que, sem a centralidade da Eucaristia, deixaria de ser aquele precioso patrimônio que herdamos.

Iniciaremos desde o início para estarmos seguros de ter uma visão justa e, por quanto possível, adequada ao tema tão vital.

A obra-prima do Pai: “fazer do Cristo o coração do mundo”

Se procurássemos no universo qual seja a expressão mais perfeita da genialidade e da habilidade do Criador, nos encontraríamos, num primeiro momento, mais do que confusos.

Olhando a imensidão do macrocosmos ficaríamos boquiabertos e pasmados, admirando e deixando a fantasia rolar, impressionados pelo universo em movimento, do que preocupados em julgar e comparar, como se costuma fazer num museu. Tudo supera incrivelmente as medidas do tempo e do espaço no qual imaginamos e pensamos, assim que evitamos a tentação de escolher um qualquer astro como o melhor.

Olhando depois as maravilhas do microcosmos ficamos ainda mais admirados e quase incrédulos em descobrir nele uma perfeição antes imperceptível, e ainda, tamanho poder e maravilhosa vitalidade.

Estamos na verdade colocados diante de uma superior e infalível capacidade de projetar que nos leva a concluir, sem possibilidade de escolha, que tudo aquilo que o Criador produz supera a nossa imaginação. De fato, as ciências, nos seus progressos, buscam simplesmente aprender, esforçando-se em penetrar os segredos e as leis da criação.

Todavia, também diante das maravilhas do mundo, constatamos possuir como “pessoas” um dom superior: a acuidade de

espírito, assim que nos projetamos muito mais além das perfeições da natureza; a nossa inteligência vai sempre além das colunas de Hércules com uma coragem que supera a lenda de Ulisses.

Assim, enquanto pessoas, encontramos presente na criação, o tesouro do amor, que vale mais do que o macro e o microcosmos porque transcende a matéria introduzindo-nos no mistério íntimo da vida do Criador.

Aí descobrimos, sem muita dificuldade que *a verdadeira obra-prima de Deus é o Homem*, criado à Sua imagem, síntese viva das maravilhas cósmicas, livre e audaz, que pensa, que julga, que cria, que ama e que é, por isso, destinado a ser o liturgo de toda a criação, voz de louvor, mediador de glória, num diálogo de felicidade com o próprio Criador.

Infelizmente a história do homem e o mesmo significado do cosmos foram deformados pelo pecado. São Paulo afirma, de fato, que “entregue ao poder do nada — não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu —, a criação abriga a esperança, pois ela também será libertada da escravidão da corrupção para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus”⁴².

E é exatamente na nossa história que Deus, chegada a plenitude dos tempos, faz surgir o “*Homem novo*”, que é a sua definitiva obra-prima: Jesus Cristo!

Ele é o grande ápice de toda a obra da criação. NEle — diz o Concílio — “torna-se verdadeiramente claro o mistério do homem... Imagem de Deus invisível, Ele é o homem perfeito... uniu-se de alguma maneira a todo homem... primogênito entre muitos irmãos”⁴³.

Em sua vida terrena sentiu-se solidário com cada um dos homens de todos os séculos, desde o primeiro Adão (seu primeiro pai) até o último seu irmão, gerado no final dos tempos. Solidário no bem e no mal, venceu o pecado com o poder do seu grande amor, testemunhado com o dom da própria vida no maior de todos os acontecimentos, a Páscoa. Através da permanência sacramental da Páscoa na Eucaristia vai gerando, unido com a Igreja sua Esposa, o Homem novo na história até quando voltará vito-

⁴² Rm 8,20-21.

⁴³ Gaudium et spes, 22.

rioso no final dos tempos. Deus Pai “nos escondeu — como nos diz a liturgia — o dia e a hora, em que Cristo, Senhor e Juiz da história, aparecerá nas nuvens do céu com poder e majestade. Naquele dia terrível e glorioso passará o mundo presente e aparecerão novos céus e nova terra”⁴⁴. E então o Cristo oferecerá o seu Reino ao Pai.

Com razão portanto o Concílio afirma que Ele constitui “o fim da história humana, ‘o ponto para o qual convergem as aspirações da história e da civilização’, centro da humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os seus desejos... O desígnio de amor (do Pai é) ‘reunir todas as coisas em Cristo, as que estão no céu e aquelas que estão na terra’... E o próprio Senhor diz: ‘Eis que venho em breve e a minha recompensa está comigo... Eu sou o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim!’ ”⁴⁵.

Considero importante, queridos irmãos, avaliar continuamente esta síntese de fé para podermos compreender o inefável valor do mistério eucarístico e para convencer-nos que não é possível deixar de lado o Cristo na promoção do homem e no desenvolvimento de uma verdadeira pedagogia salesiana.

É certamente necessário assumir tudo o que há de positivo nos vários processos dos sinais dos tempos, mas é também importante saber distinguir as suas ambivalências e colocar os aspectos positivos da sua novidade em sintonia com a imensa e definitiva novidade da Páscoa.

A insuperável obra pascal de Cristo

Jesus Cristo teve consciência de ter uma vocação muito pessoal que o chamava a uma missão humanamente impossível: enfrentar radicalmente o mal, restabelecer a Aliança de toda a humanidade com Deus, devolver o sentido ao cosmos, proclamar a verdade sobre o significado da vida e da história, indicar a estrada concreta a ser seguida, favorecer uma superabundante energia de propulsão para a caminhada do Homem ao longo dos séculos.

⁴⁴ Prefácio do Advento I/A, missal italiano.

⁴⁵ Gaudium et spes, 45.

Jesus compreendeu sempre mais claramente que o projeto do Pai dirigia a sua vocação e missão para uma hora estratégica, que teria sido o ponto mais alto da sua existência histórica: a “Sua” hora!

Ele, a obra-prima do Pai na criação, devia realizar a maior obra de todos os séculos e alcançar assim o ápice mais alto de toda obra humana. Só Ele podia fazê-lo porque o seu “ser Deus” lançava o seu “ser Homem” além dos limites do possível.

A sua grande hora histórica é chamada “Páscoa”. *É uma obra-prima do Cristo-Homem dentro da obra maravilhosa do Pai.* É tão sublime que nem o Criador podia inventar algo maior, como felizmente foi dito: “id quo maius fieri nequit”! (aquilo do qual é impossível realizar algo maior). É o gesto máximo que a genialidade onipotente do amor criador do Pai podia imaginar como possível na história humana.

Jesus, nascido de Maria por obra do Espírito Santo, é, como verdadeiro e solidário descendente de Adão, síntese viva das maravilhas cósmicas; ele devolve ao homem a vocação de liturgo da criação, voz de louvor e mediador de glória, através do seu amor sacrificado e convalidado pela ressurreição.

Esta obra fundamental foi realizada por Ele como Um de nós, o melhor, fraternalmente solidário com todos. Fez isto “uma vez por todas”⁴⁶. Fez isto imprimindo-a permanentemente também na sua existência humana de ressuscitado. Os acontecimentos históricos da Páscoa, de fato, deram uma Constituição definitiva à alma e ao corpo de Cristo, aperfeiçoaram a sua natureza humana individual dando-lhe uma atitude e traços que permanecem nEle para sempre, como vencedor. Estabilizaram, podemos dizer, a alma de Cristo (o seu coração) no ato supremo de oblação de si no máximo amor e caracterizaram o seu corpo físico com os traços da sua total doação, visíveis nos sinais da sua cruenta imolação.

O homem Cristo — proclama a Escritura — está diante do Pai como “um Cordeiro imolado, mas de pé... e um coro proclamava em voz alta: ‘O Cordeiro imolado é digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor’ ”⁴⁷.

⁴⁶ Hb 9,12.28

⁴⁷ Ap 5,6.12.

Estes acontecimentos pascaís são a realização litúrgico-sacrificial da Nova Aliança, aquela última e eterna, que dá lugar ao Homem novo, aos novos Céus e à nova Terra.

A penetrante carta aos Hebreus nos assegura que “Cristo veio como sumo sacerdote dos bens futuros. Ele atravessou uma tenda muito maior e mais perfeita, não feita por mãos humanas, isto é, ele atravessou uma tenda que não pertence a esta criação. Ele entrou uma vez por todas no santuário, e não com sangue de bodes e novilhos, mas com o seu próprio sangue, depois de conseguir para nós uma libertação definitiva”⁴⁸.

Diante dos acontecimentos pascaís e da ordem de Cristo para que se faça contínua “memória sacramental” na celebração da Eucaristia, os Apóstolos admiraram e contemplaram a realização da Nova Aliança prometida. Eis o sentido total da sua “presença”! *A Páscoa e a Eucaristia significam para eles, antes de tudo, a grande e a tão esperada hora da Aliança definitiva.*

Esta Aliança acabava com a perda de sentido do cosmos e do antigo culto, infelizmente insuficiente, e dava começo a um novo, criado, projetado e realizado só por Cristo, pelo seu amor e pela sua solidariedade como Segundo Adão. É, este, um culto novo onde sacerdote, vítima, templo, altar, sacrifício e banquete litúrgico se concentram na única realidade do Cristo.

Assim é Ele, Jesus Cristo, o seu coração, o seu amor, a sua palavra, o seu corpo, o seu sangue, a sua consagração sacerdotal (na união hipostática), que constitui o grande tesouro da Nova e Eterna Aliança. Um só Amor, um só Evangelho, um só Sacerdote, uma só Vítima, um só Altar, um só Sacrifício, uma só Comunhão, para sempre: o único objetivo válido de esperança do homem e do cosmos.

Eis a obra-prima do Pai: “fazer do Cristo o coração do mundo”! Ele é o homem novo, Ele é a verdade, Ele é a vida e o caminho, Ele oferece a sua carne para comer e o seu sangue para beber e assim fazer nascer e crescer o Homem novo.

É bom refletir muitas vezes e ter presente para nós e para os jovens esta máxima e vital obra histórica de Cristo. Não se pode passar objetivamente por cima desta realidade: seria ignorância, esvaziamento da fé, ingenuidade secularista e superficial-

⁴⁸ Hb 9,11-12.

lidade imperdoável esquecer esta realidade a favor de uma moda transitória e mundanizante que revestiria de velhice a nossa vocação e missão.

Os máximos acontecimentos pascais de Cristo, no contexto da obra-prima do Pai no ilimitado e maravilhoso universo da sua criação, constituem o ponto mais alto da grandeza, do amor e da beleza de toda a obra do Criador.

Quem poderia aceitar que ele não estivesse no centro da vida dos fiéis e, em particular, da espiritualidade, da pastoral e da pedagogia da Família Salesiana de Dom Bosco?

A permanência viva da Nova Aliança

“A renovação da Aliança do Senhor com os homens na Eucaristia — nos assegura o Concílio Vaticano II — solicita e estimula os fiéis para a caridade imperiosa de Cristo.

Da Liturgia, portanto, mas principalmente da Eucaristia, como de uma fonte, brota para nós e com a maior eficácia se obtém aquela santificação dos homens e a glorificação de Deus em Cristo, para a qual, como a seu fim, tendem todas as demais obras da Igreja”⁴⁹.

É esta uma afirmação solene que deve orientar todo nosso projeto pastoral e pedagógico se não quisermos perder tempo seguindo as modas da hora.

A Eucaristia torna presente de maneira real, através de uma ação sacramental, para nós — agora e aqui —, as mesmas realidades substanciais dos acontecimentos pascais de Cristo, renovando continuamente e comunicando as definitivas riquezas da Nova Aliança.

Houve com relação à “presença real” do Cristo pascal entre nós algumas negações ou tentativas de explicação que vieram a desestabilizar de fato, através dos séculos, a integridade e a organicidade do culto eucarístico, diminuindo às vezes, ou o ministério presbiteral, ou o aspecto sacrificial, ou o crescimento eclesial, ou a transformação em liturgia da própria vida e da história que devolvem o seu verdadeiro sentido ao cosmos.

⁴⁹ Sacrosanctum Concilium 10.

É necessário recuperar a verdade orgânica da doutrina na espiritualidade, na catequese, na pedagogia em toda a complexa e renovada atividade pastoral.

É este o grande tesouro da Igreja: a Eucaristia é o “Bem comum” lançado ao futuro para toda a obra da salvação.

É “para realizar uma obra tão importante — afirma ainda o Concílio — Cristo está *sempre presente* em sua Igreja: *está presente* no sacrifício da Missa seja na pessoa do ministro... seja sobretudo nas espécies eucarísticas... *Está presente* pela sua palavra... *Está presente* quando a Igreja ora, salmodia... Cristo associa sempre a si a Igreja sua Esposa diletíssima... Portanto (a Eucaristia) enquanto obra de Cristo sacerdote e do seu corpo, que é a Igreja, é ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja”⁵⁰.

O tema da presença viva da Nova Aliança entre nós é exatamente um dos aspectos centrais do mistério eucarístico que o Concílio quis focalizar em toda a sua grandeza e admirável fecundidade.

O Papa Paulo VI na sua encíclica *Mysterium fidei* sobre a doutrina e o culto eucarístico⁵¹, enquanto por um lado expõe motivos de solicitude pastoral e de austeridade por eventuais interpretações redutivas sobre a permanência real do corpo e do sangue de Cristo nas espécies consagradas, insiste por outro lado, sobre a objetividade de outras modalidades da presença “real” do Cristo na celebração da fração do pão:

“Todos bem sabemos — afirma — que *várias são as modalidades de acordo com as quais Cristo está presente em sua Igreja*”; a apresenta uma lista. “Estas várias maneiras de presença preenchem a alma de maravilha e oferecem à contemplação o mistério da Igreja”⁵².

A nós, aqui, interessa considerar aquelas modalidades de presença que estão diretamente vinculadas à celebração da Eucaristia. Fixemos o olhar sobre três que asseguram a permanência viva entre nós da Nova Aliança.

⁵⁰ Sacrosanctum Concilium 7.

⁵¹ 3 de setembro de 1965.

⁵² *Mysterium fidei*, em “*Enchiridion Vaticanum*” Ed. Dehoniane, Bolonha, v. 2, 1976, n. 422.

— A primeira refere-se a Cristo enquanto “está presente no Sacrifício da Missa *na pessoa do ministro*,” “pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na Cruz”⁵³; quem preside a Eucaristia desenvolve, portanto, um papel sacramental.

— A segunda sublinha que Cristo “está presente *sob as espécies eucarísticas*”⁵⁴. Paulo IV comenta na encíclica “*Mysterium fidei*”: “Esta presença fala-se ‘real’ não por exclusão, quase que as outras não fossem ‘reais’, *mas por antonomásia* porque é também corporal e substancial, e em força disso Cristo, Homem-Deus, todo inteiro se torna presente. Erradamente portanto alguém explicaria esta forma de presença imaginando o corpo de Cristo glorioso de natureza ‘pneumática’ onipresente; ou reduzindo-a nos limites de um simbolismo”⁵⁵.

— A terceira afirma que Cristo está ainda presente “*quando a Igreja ora e salmodia*, Ele que prometeu ‘onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei eu, no meio deles’ (Mt 18,20)”⁵⁶. E os sacerdotes que celebram representam também a Igreja que, em união com Cristo, se dirige ao Pai.

Estas modalidades de “presença real” oferecem uma admirável originalidade ao mistério. É necessário concentrar sobre elas a reflexão para iluminar melhor a nossa consciência eucarística.

Sabemos que os acontecimentos redentores da Páscoa realizaram-se historicamente uma só vez para sempre e que, portanto, a oblação pessoal e a imolação de Cristo são o grande e único acontecimento sacrificial da Nova Aliança.

“Cristo — nos assegura a carta aos Hebreus — não teve que se oferecer muitas vezes, como sumo sacerdote que todos os anos entra no santuário com sangue que não é seu. Se assim fosse, ele deveria ter sofrido muitas vezes desde a criação do mundo. Entretanto, ele se manifestou uma vez por todas no fim dos tempos, para abolir o pecado pelo sacrifício de si mesmo”⁵⁷.

Para compreender este mistério é preciso partir do fato concreto que considera a própria ressurreição de Jesus como fundamento indispensável da liturgia da Sua Igreja.

⁵³ Sacrosanctum Concilium 7.

⁵⁴ *Ib.*

⁵⁵ *Mysterium fidei*, ob. cit. n. 424.

⁵⁶ Sacrosanctum Concilium 7.

⁵⁷ *Hb* 9,25-26.

“O ponto central de nossas explicações — afirma ainda a carta aos Hebreus — é este: nós temos um sumo sacerdote tão grande que se assentou à direita do trono da majestade de Deus no céu. Ele é ministro do santuário e da verdadeira tenda, que foi construída pelo Senhor, e não por um homem”⁵⁸.

Eis a imensa originalidade! O sacrifício da Nova Aliança não é um simples fato do passado, mas é renovado “sacramentalmente” agora e aqui; enquanto celebramos a Eucaristia, age diante do Pai o próprio Cristo; Ele é agora conosco “o Mediador da Nova Aliança entre Deus e os homens”⁵⁹.

Na liturgia eucarística está ativamente participando o próprio Cristo, que torna a sua Páscoa uma ação viva ao longo de todo o tempo da Igreja.

É preciso experimentar fechando os olhos e meditar, durante as nossas celebrações eucarísticas, para esforçar-nos e perceber a transcendente densidade do mistério ao qual participamos.

No próprio desenvolvimento da celebração, após a consagração do pão e do vinho, interrompemos até a solene oração ao Pai para exclamar cheios de admiração: “Eis o mistério da fé! Anunciamos a vossa morte, Senhor, e proclamamos vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!”.

Tornam-se indispensáveis, ao longo da celebração da Eucaristia, alguns silêncios vitais. Alguns momentos de íntimo recolhimento são necessários ao coração do fiel. O mistério requer também silêncio: não como pausa, mas como escuta do Espírito. É um espaço de tempo reservado ao êxtase do amor para uma penetração pessoal do mistério sacramental.

Onde mais rico é o mistério, mais necessário torna-se o silêncio contemplativo.

Trata-se de “saborear” a presença envolvente de Cristo na Nova Aliança.

As maravilhas da “sacramentalidade” eclesial

Procuremos aprofundar esta presença viva de Cristo na Nova Aliança.

⁵⁸ Hb 8,1-2.

⁵⁹ Hb 9,15.

Observemos as componentes.

O único Sacerdote, com o seu ato de entrega total (“estando para ser entregue e abraçando livremente a paixão” — Oração eucarística II) é Cristo Sumo Sacerdote que está diante do Pai.

A única Vítima imolada é a carne e o sangue do seu corpo humano, ressuscitado, mas que continua a se apresentar no céu como o “Cordeiro imolado”⁶⁰.

O Banquete sacrificial é incorporação verdadeira, através da mediação sacramental, no próprio corpo de Cristo, que vai assim crescendo misticamente ao longo da história. De fato, diz são Paulo: “O cálice da bênção que nós abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? E como há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois participamos todos desse único pão”⁶¹.

Temos que descobrir na verdade um conjunto de autênticas maravilhas, contidas e manifestadas (mas também escondidas) na extraordinária “sacramentalidade” da Igreja, quando celebra a Eucaristia.

A expressão conciliar que define a própria Igreja o grande “Sacramento de salvação”, não se esgota num puro simbolismo; ela ultrapassa objetivamente os limites do tempo e do espaço. Somente a ótica da fé percebe a realidade pascal.

Na conclusão da Oração eucarística dirigida pessoalmente ao Pai, de fato, proclamamos: “Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, ó Pai todo poderoso, toda honra e toda a glória agora e para sempre na unidade do Espírito Santo. Amém!”.

O todo se realiza pela presença real de Cristo.

Meditemos brevemente sobre estes três momentos da celebração eucarística para aprofundar a sua densidade de “presença real” do Cristo.

— *Em primeiro lugar os Sacerdotes* que presidem a celebração eucarística cumprem um altíssimo papel “sacramental”. Tornam presente o próprio Cristo e renovam os conteúdos de oblação que se imola, de adoração, de louvor, de aliança e de

⁶⁰ Ap 5,6.

⁶¹ 1Cor 10,16-17.

compromisso apostólico⁶². E ainda representam a Igreja. Em nome de Cristo e representando a Sua Igreja falam ao Pai; de fato, como afirma Paulo VI, “Cristo está presente na sua Igreja que rege e governa o Povo de Deus, porque o sagrado poder vem de Cristo e Cristo, ‘Pastor dos Pastores’, assiste os pastores que a exercem, de acordo com a promessa feita aos Apóstolos”⁶³.

Com este papel sacramental os presbíteros unem e inserem a vida cotidiana dos fiéis no mesmo amor de Cristo; é a entrada de cada geração humana na obra pascal do Senhor, como sacrifício espiritual em solidariedade com Ele. É a hora sublime da transformação da história em liturgia. Não se trata de um rito alienante mas sim da máxima celebração do mais concreto realismo do amor humano no devir do cotidiano e em todos os acontecimentos da existência para o autêntico significado do próprio universo.

E, no interior desta representatividade eclesial, existe um papel sacramental especialíssimo no ministério dos Presbíteros celebrantes. Enquanto fazem memória litúrgica dos acontecimentos pascais eles agem diretamente “in persona Christi”, oferecem-lhe a própria voz, sustentados por um especial “sagrado poder”. Aqui eles — diz o Concílio — “realizam o sacrifício eucarístico na pessoa de Cristo”⁶⁴; “agindo na pessoa de Cristo — repete o Concílio — e proclamando o seu mistério, unem os votos dos fiéis ao sacrifício do seu Chefe e no sacrifício da Missa tornam presente e aplicam até à vinda do Senhor, o único sacrifício do Novo Testamento”⁶⁵.

Quanto é grande este mistério!

— *Em segundo lugar*, devemos considerar que a atividade ministerial do sacerdote está envolvida pelo “poder do Espírito Santo” para *consagrar o pão e o vinho “a fim de que se tornem para nós o corpo e o sangue de Jesus Cristo”*⁶⁶, e pela invocação da plenitude do Espírito Santo sobre a assembléia.

A modalidade sacramental desta presença é sacrificial; sob os sinais sacramentais do corpo e do sangue (que foram de fato separados na imolação cruenta do Calvário) torna-se presente,

⁶² Presbyterorum Ordinis 2.

⁶³ *Mysterium fidei*, ob. cit., n. 422.

⁶⁴ *Lumen Gentium* 10.

⁶⁵ *Ib.* 28.

⁶⁶ *Oração eucarística II.*

“verdadeiramente, realmente e substancialmente”⁶⁷ o corpo ressuscitado de Cristo atualmente diante do Pai com as cicatrizes de vítima imolada e aceita impressas. A realidade contida nas espécies eucarísticas — dizia santo Ambrósio — “não é o que a natureza formou, mas o que a bênção consagrou”⁶⁸.

Eis, novamente, um outro aspecto do grande mistério!

— *Em terceiro lugar*, a presença real e substancial do corpo ressuscitado de Cristo traz consigo um novo e admirável efeito sacramental: o da *assimilação a Ele no banquete da comunhão*. *Aí “participando do corpo e sangue de Cristo somos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo”*⁶⁹.

É uma visão de fé verdadeiramente profunda. O rito sacramental do comer e beber comporta, a semelhança do processo assimilativo natural, uma incorporação vital de nós mesmos no próprio Cristo, assim que formamos com Ele um único Corpo no devir da história: “de fato, ‘a participação ao corpo e sangue de Cristo — diz Leão Magno — não faz outra coisa senão transformar-nos naquilo que tomamos”⁷⁰.

Quando o Concílio fala da Igreja como “Corpo de Cristo” não pretende simplesmente utilizar uma “figura” ou uma “metáfora”. A “Lumen Gentium” claramente distinguiu entre “imagens da Igreja”⁷¹ e a expressão mais profunda de “Igreja-Corpo de Cristo”⁷². Esta expressão indica de fato uma realidade objetiva que não pode ser reduzida simplesmente ao grau de uma metáfora; através dela afirma-se que a Igreja é de verdade um organismo visível de vida espiritual que se torna globalmente, enquanto assembléia de pessoas em comunhão com Cristo, o “Sacramento universal de salvação”.

No Corpo Místico — afirma a “Lumen Gentium” — “a vida de Cristo difunde-se nos fiéis, que através dos Sacramentos são unidos de maneira misteriosa, *mas real*, a Cristo que sofreu e foi glorificado... Na fração do pão eucarístico participando nós *realmente* do corpo do Senhor, somos elevados à comunhão com

⁶⁷ Denzinger — Rahner, “Enchiridium symbolorum” 1955, n. 874.

⁶⁸ *Mysterium fidei*, ob cit., n. 429.

⁶⁹ Cf. Oração eucarística II.

⁷⁰ *Lumen Gentium* 26.

⁷¹ *Ib.* 6.

⁷² *Ib.* 7.

Ele e entre nós... Cabeça deste Corpo é o Cristo: Ele está antes de todas as coisas e tudo subsiste nEle... Por Ele todo o Corpo, através de juntas e nervos recebe o aumento desejado por Deus (Cl 2,19)... E para que nos renovássemos continuamente nEle deu o Seu Espírito, que, único e igual na Cabeça e nos membros, dá a todo o Corpo, a unidade e o movimento, assim que os santos Padres puderam comparar a sua tarefa com aquela que exerce o princípio vital, isto é, a alma no corpo humano”⁷³.

Esta descrição realista, enquanto nos faz penetrar na insuperável originalidade da dimensão sacramental da Nova Aliança, nos faz tomar mais clara consciência do porque o Concílio nos falou do “mistério da Igreja”.

É na Eucaristia que se percebe com mais admirada contemplação a imensa novidade de “sermos cristãos”. Justamente deve-se ter consciência que “todos os sacramentos como também todos os ministérios eclesiais e as obras de apostolado estão estritamente unidos à sagrada Eucaristia e a ela ordenados. De fato, a santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja”⁷⁴.

A adoração e a missão

As maravilhas de uma semelhante e múltipla “Presença real” nos impulsionam a colocar no centro da vida de fé uma atitude de adoração. Os vários momentos da celebração eucarística e a presença das espécies consagradas convidam a um culto de contemplação na fé. É realmente algo de sublime que estimula um inteligente silêncio de adoração, enquanto contempla as suas várias dimensões: de culto, de santificação, de profissão de fé, de testemunho até o martírio, de compromisso apostólico, de aprofundamento da verdade, de triunfo do amor.

— *Na Missa*, deve-se contemplar quem é o sacerdote que realiza (“agora e aqui”) a verdadeira oblação sacrificial. Como vimos, é o próprio Cristo; e o faz por nós e juntamente conosco para incorporar no Seu oferecimento também as contribuições da nossa vida cotidiana e da nossa angustiada existência.

Aqui a meditação deve descobrir o “específico cristão”, vivido e revelado por Cristo na Páscoa. Na Eucaristia não há perigos

⁷³ Ib. 7.

⁷⁴ Presbyterorum ordinis 5.

de interpretações ambíguas ou erradas. O específico cristão não se mede com uma visão veterotestamentária ou com impacientes expressões temporais; apresenta-se na sua plena originalidade como dom de si no amor feito sacrifício: a capacidade de oferecer com alegria o compromisso concreto e generoso do próprio amor.

O homem novo, fruto da Páscoa, vive em plenitude o amor da caridade não-violenta, dirigindo-se ao mesmo tempo aos seus dois polos, Deus e o Homem, através de uma intrínseca “graça de unidade” que brota do coração de Cristo onde o amor do Pai é a causa, a fonte e a força do amor ao próximo, aos pobres, aos jovens, aos necessitados.

— *Nas Espécies consagradas*, depois, deve-se contemplar a maneira com a qual Cristo se oferece a nós sob a forma de vítima, convidando-nos a compreender as riquezas do sofrimento na vida quando a fazemos crescer no amor através do dom de si no sacrifício. Eis porque Cristo permanece sempre, também depois da Ascensão, como o verdadeiro “Emanuel, isto é, o ‘Deus conosco’, porque dia e noite — nos lembra Paulo VI — está em nosso meio, mora em nós cheio de graça e de verdade; restaura os costumes, alimenta as virtudes, consola os aflitos, fortifica os fracos e convida para que O imitem todos aqueles que d’Ele se aproximam”⁷⁵.

Por isso o mesmo grande Papa Paulo VI exortava para que se promovesse “sem medir palavras e esforços, o culto eucarístico, para o qual devem convergir finalmente todas as outras formas de piedade”⁷⁶.

E João Paulo II nos lembrou que não se compreende uma comunidade religiosa local a não ser reunida com fé contemplativa ao redor do tabernáculo.

— *Na Comunhão sacramental*, por fim, devemos contemplar a maravilha da nossa assimilação a Cristo pela qual tornamo-nos seu Corpo para continuar a missão redentora no mundo.

No banquete de comunhão devemos meditar dois aspectos admiráveis: a fecundidade da Eucaristia que gera todos os dias a Igreja, e, ainda, o seu convite a uma missão concreta e histórica para a salvação dos homens.

São verdadeiramente fascinantes estas duas considerações.

⁷⁵ *Mysterium fidei*, ob. cit., n. 438.

⁷⁶ *Ib.* n. 436.

A Igreja, pela força do Espírito, nasce sempre de Cristo a cada dia; nasce de sua mediação sacerdotal; com a Igreja, sua Esposa, Ele une-se misticamente, na Eucaristia, formando um só Corpo fecundo para dar vida nova a tantos filhos. Só aqui encontra-se a autêntica matriz do início da Igreja! Ela não nasce das bases quase por auto-geração; nasce pela ação sacramental que insere vitalmente num organismo pré-existente e estruturado como é o Corpo de Cristo. Não se recebe a comunhão simplesmente porque se tomou parte a uma celebração ritual, mas “entra-se” com ela na participação viva “no específico cristão” para sentir-se mandados na missão de salvação.

Eis porque a comunhão suscita decisões de vida, estimula critérios apostólicos de ação e fortalece com energia pascal de crescimento e de perseverança.

Na adoração eucarística, portanto, pode-se perceber claramente que a Nova Aliança não é um fato do passado ou uma simples doutrina ou só uma celebração ritual, mas que é a fonte permanente do Homem novo num Povo reunido por Deus para ser artífice do verdadeiro progresso humano e da recapitulação de toda a criação em Cristo.

A tarefa pastoral de gerar “Igreja”

A este ponto, queridos irmãos, devemos-nos perguntar se um panorama tão denso de maravilhas pascais esteja guiando de verdade a nossa vida consagrada e os nossos compromissos de pastoral juvenil e popular.

Ninguém de nós tem o direito de esquecer ou de silenciar os riquíssimos conteúdos deste “mistério da fé”. Esquecer-se da Eucaristia na vida salesiana e na nossa ação pastoral e pedagógica seria trair o sentido e o projeto da nossa consagração apostólica⁷⁷.

Dom Bosco espera de nós, no ‘88, uma revitalização profunda do seu Sistema preventivo. Os jovens reclamam um nosso sincero testemunho e relançamento da autenticidade do mistério cristão. Eles têm o direito que nos apresentemos a eles como sinais e portadores das maravilhas da Nova Aliança. O eludir, o camuflar,

⁷⁷ Cf. Const. 3.

o pretender passar como inovadores, nos desclassificaria como discípulos de Cristo e como herdeiros de Dom Bosco.

O '88 questiona: ou com Dom Bosco pelos séculos ou com certas modas por uma breve hora passageira!

Devemos saber viver e comunicar aos jovens uma autêntica experiência de Igreja na grande hora histórica da sua renovação conciliar na aurora do Terceiro milênio da fé cristã.

Existe um aspecto delicado e muito importante que sempre tive presente, como questionamento ao longo destas reflexões: o que pensar e como agir com a juventude não-cristã que frequenta em muitas partes do mundo os nossos centros de educação?

Evidentemente não se pode agir com eles com os mesmos métodos de "iniciação cristã" com os quais devem ser educados os batizados. Mas então, neste caso, o Sistema Preventivo de Dom Bosco perderia o seu significado?

Ninguém pode duvidar do fato que a pedagogia salesiana funciona com uma sua peculiar eficácia entre numerosos jovens de outras religiões. A experiência nos assegura com uma resposta plenamente afirmativa a favor deste compromisso, enquanto nos estimulou e nos convida para avaliações e reflexões inéditas sobre o assunto.

Nós nos lançamos neste trabalho seguindo indicações claras das Constituições: "Os povos ainda não evangelizados — elas nos dizem — foram objeto especial dos cuidados e do ardor apostólico de Dom Bosco. Eles continuam a solicitar e a manter vivo o nosso zelo:... o *missionário salesiano* assume os valores desses povos e partilha suas angústias e esperanças" ⁷⁸.

Ainda mais, falando da promoção humana as Constituições nos lembram que "trabalhamos em ambientes populares e em favor dos jovens pobres. Colaborando com eles, educamo-los para as responsabilidades morais, profissionais e sociais, e contribuímos para a promoção do grupo e do ambiente... Conservando-nos independentes de qualquer ideologia e política partidária, recusamos tudo o que favorece a miséria, a injustiça e a violência, e colaboramos com quantos constroem uma sociedade mais digna do homem. A promoção, à qual nos dedicamos em espírito evangé-

⁷⁸ Const. 30.

lico, realiza o amor libertador de Cristo e constitui um sinal da presença do Reino de Deus”⁷⁹.

E mais: “*Imitando a paciência de Deus*, encontramos os jovens no ponto em que se acha a sua liberdade”⁸⁰.

“Nossa ação apostólica — afirmam ainda — realiza-se em pluralidade de formas, determinadas em primeiro lugar pelas exigências daqueles a quem nos dedicamos. Trabalhamos... sensíveis aos sinais dos tempos, com espírito de iniciativa e constante flexibilidade”⁸¹.

Devemos portanto agir com modalidades diferentes, mas sempre como “*missionários*”.

O espírito missionário não deixa de lado a Eucaristia nem reduz a sua centralidade. De fato os missionários, como agentes deste compromisso educativo, dedicam-se ao seu trabalho “em espírito evangélico” imitando a “paciência de Deus” e sendo educadores “na plena fidelidade de Dom Bosco”. Por outro lado junto com a massa juvenil não cristã, educam e formam também grupos de batizados e de fiéis.

Portanto, seja para alimentar a vida espiritual dos irmãos neste seu difícil apostolado, seja para fazer crescer os jovens já batizados, seja para fazer ver concretamente aos outros qual é o motor secreto de toda a sua bondade e atividade e do significado último do seu projeto educativo, é preciso que seja alimentada entre eles (diria aliás, especialmente entre eles), certamente de maneira adequada, a absoluta centralidade do mistério eucarístico.

O que meditamos até aqui, queridos irmãos, nos assegura que existe uma relação objetiva e de causalidade mútua entre celebração eucarística, espírito apostólico e missionário e experiência de Igreja. É uma relação vital: o único verdadeiro e o único aberto para o futuro. Falou-se que “a Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja”.

Para “sermos cristãos” é preciso sermos membros da Igreja de Cristo. Mas a relação de mútua causalidade entre Eucaristia e Igreja não será vibrante e fecunda se os pastores e os destinatários não forem atingidos e questionados pelos seus conteúdos

⁷⁹ Const. 33.

⁸⁰ Const. 38.

⁸¹ Const. 41.

pascais. A introdução a esta sublime realidade cristã desafia hoje com particular urgência a capacidade pedagógica de mediação das nossas comunidades e de todos os agentes de pastoral. É necessário entre outras coisas, para todos, um maior conhecimento e competência litúrgica.

Formar verdadeiros cristãos significa introduzi-los numa experiência de Igreja. E toda verdadeira experiência de Igreja faz participar o fiel das realidades do Mistério. É verdade que hoje é preciso saber partir da sensibilidade hermenêutica dos sinais dos tempos para que trouxeram à atual mudança cultural; porém se quisermos introduzir os jovens na Nova Aliança será preciso colocar sempre a imensa novidade da Páscoa diante das tão interessantes mas pequenas novidades da nova visão antropológica. A novidade pascal supera infinitamente e julga e assume no tempo tantas progressivas novidades culturais, que apesar de serem preciosas, resultam sempre de bem pequena estatura diante dela.

Os agentes de pastoral são convidados a se habilitarem “ao mesmo tempo” seja com a cultura em formação, e sobretudo com um mais preciso e profundo sentido do mistério pascal, sempre atentos ao “sentire cum Ecclesia”, sem mesquinhas manipulações. Ninguém mais poderá apresentar algo maior e mais novo do que a Páscoa de Cristo, a grande obra-prima do Pai e a obra suprema do Homem.

Portanto, através das mediações culturais mais adequadas será indispensável introduzir aos grandes conteúdos da Eucaristia. Certamente hoje as novidades culturais são desafiadoras; mas o objetivo que se busca será sempre o de fazer perceber, aproximar e fazer participar do mistério pascal de Cristo.

É nossa tarefa individualizar o caminho pedagógico-pastoral apto a uma verdadeira iniciação cristã (a “mistagogia”, tão querida aos Pastores da Igreja). É necessário, em cada aspecto pastoral, encontrar o caminho que conduza ao indispensável encontro entre a sensibilidade contemporânea e a dimensão salvadora, indispensável e necessária, da Nova Aliança.

A caminhada pastoral a ser percorrida para gerar “Igreja” exige um forte compromisso de renovação, seja na catequese sobre a Eucaristia, seja na sua celebração litúrgica.

Nessa celebração Ela proclama ao mesmo tempo o mistério da sua própria natureza (= eclesiológica) e a fecundidade da sua

missão específica (= eclesiogênese). Ela é a Segunda Eva, com a qual Cristo, Segundo Adão, dá origem ao novo gênero humano.

Não se tratará portanto de buscar na Eucaristia qualquer informação nova sobre Deus ou sobre o homem; não ficaremos numa simples introdução aos ritos (também se necessária), nem será suficiente celebrar simplesmente alguns valores humanos, juvenis ou sociais, mas será necessário fazer uma verdadeira introdução ao mistério de Cristo.

Assim a celebração eucarística aparecerá como o verdadeiro encontro entre fé e vida, entre o cotidiano e o Evangelho, entre verdade salvadora e questionamento atual.

Juntamente com a "memória pascal" crescerá a descoberta do amor e a preciosidade da vida; será urgente educar à sensibilidade sacramental com a sua original riqueza simbólica; será necessário que se intensifique a atitude de adoração contemplativa. A pedagogia pastoral terá o cuidado de promover a participação, a consciência da filiação no Cristo, os valores tipicamente cristãos da gratidão, os aspectos da solidariedade, as exigências históricas da missão.

É esta a maneira concreta de gerar "Igreja", que oferece à sociedade "honestos cidadãos", competentes, responsáveis, comprometidos. É através da Eucaristia que se forma aquele sólido Laicado, finalidade do recente Sínodo dos Bispos.

Nós filhos de Dom Bosco, herdeiros de um precioso patrimônio pedagógico, deveríamos saber propor e comunicar sempre aos jovens o "específico cristão" da Páscoa oferecido por eles na Eucaristia.

Algumas exigências concretas da pedagogia eucarística de Dom Bosco

A Estréia deste ano jubilar convida-nos a promover a "pedagogia da bondade" característica do Sistema Preventivo.

Permitam-me, queridos irmãos, que lhes faça uma pergunta séria: *que lugar ocupam hoje, nos nossos projetos educativos, o mistério e a celebração eucarística?*

Sejamos sinceros! Talvez não poucos de nós estão perdendo tempo. Dom Bosco não está de acordo com certas racionalizações. É urgente rever seriamente e comprometer-nos com coragem. O Sistema Preventivo, na sua expressão mais genuína, apoiar-se-á

sempre na caridade pastoral sustentada por dois grandes centros sacramentais, o da Reconciliação e o da Eucaristia. Estas afirmações não são resquício de uma cultura religiosa ultrapassada, mas perspectivas proféticas do Concílio Vaticano II.

Da herança espiritual e pedagógica do nosso Fundador surgem, entre outras, as seguintes exigências práticas para termos em consideração.

— *Primeiro para nós.* O espírito de Dom Bosco, como já vimos, está todo ele centralizado no Jesus-Eucaristia, do qual irradia-se o fogo do “Da mihi animas”. As nossas comunidades devem crescer ao redor do altar, buscar nas riquezas da convivência conosco do Emanuel.

Cristo não é só a grande personagem dos nossos ideais, mas o Amigo que está em casa conosco e para nós. Olhemos continuamente para Ele na expressão máxima da sua Páscoa. Dom Bosco nos deixou escrito no seu precioso testamento: “Morreu o vosso primeiro Reitor. Mas o nosso verdadeiro superior, Jesus Cristo, não morrerá. Ele será sempre nosso mestre, nosso guia, nosso modelo. Não vos esqueçais, porém, de que, a seu tempo, ele mesmo será o nosso juiz e remunerador da nossa fidelidade ao seu serviço”⁸².

A centralidade de Cristo é vivida, no nosso espírito, com uma extraordinária sensibilidade de contemplação e de amizade para com a Eucaristia. Portanto com um sentido particular e com um cuidadoso respeito para com a sua humilde dimensão sacramental, ela deverá ser adornada pela arte, pela dignidade dos paramentos litúrgicos, por uma elegância de culto que não pode aceitar os esquecimentos, o mau gosto, a vulgaridade, a degradação das mensagens simbólicas que fazem parte dela.

Na Eucaristia, do ponto de vista simplesmente exterior, é tudo quase insignificante: a pessoa do padre (um de nós com os outros), um pedaço de pão, um pouco de vinho, algumas palavras de oração. Se não elevarmos estes elementos para a alta e digna dimensão eclesial de suas expressões sacramentais, se apresentamos fazendo pouco caso das pessoas dos celebrantes, se banalizamos o rito da Missa, se manipulamos a Oração litúrgica com arbitrariedades pessoais chatas e transitórias ou até ideológicas, afastamos o coração e a força contemplativa do rito litúrgico do

⁸² F. Motto, *Memorie dal 1841 al 1884-85-86* (Testamento spirituale), ed. LAS, Roma, 1985, p. 31.

conteúdo do mistério, que no entanto está presente substancialmente nele.

A Eucaristia é, queridos irmãos, não o esqueçamos, o que há de mais sublime; e isto o é como realidade para toda a Igreja: “na Igreja, com a Igreja, para a Igreja”!

Isto exige uma especial capacidade contemplativa nos sacerdotes, cuja vitalidade interior deve ser concentrada sobre o Cristo pascal (o único Sacerdote) e sobre a Igreja Sua Esposa para servi-la e torná-la fecunda.

E aqui permitam-me, queridos irmãos sacerdotes, que lhes lembre a importância de uma atitude esponsal cotidiana profundamente ligada à Eucaristia: trata-se da oração Litúrgica das Horas. Nós sacerdotes rezamos com a Igreja e em seu nome a favor de todos. Infelizmente alguém não se preocupou em ter consciência clara da sua natureza e do seu valor eclesial e passa por cima como se se tratasse simplesmente de uma oração individual a ser escolhida a seu gosto.

O artigo 89 das nossas Constituições diz explicitamente que “a Liturgia das Horas estende às diversas horas do dia a graça do mistério eucarístico”⁸³. Ainda lembra aos sacerdotes e diáconos (“os clérigos”) “as obrigações assumidas na ordenação”⁸⁴.

Considero útil citar aqui integralmente um trecho do decreto sobre “Princípios e normas para a Liturgia das Horas”⁸⁵ que trata exatamente da relação entre esta oração oficial e a Eucaristia.

“A Liturgia das Horas — lê-se — estende para as diversas horas do dia os louvores e as ações de graças, as petições e aquele antegozo da glória celeste que encontramos no mistério eucarístico.

A celebração da Eucaristia, por sua vez, é insuperavelmente preparada por meio da Liturgia das Horas. Nesta se despertam e se alimentam adequadamente as disposições necessárias para celebrar com proveito a Eucaristia, quais são a fé, a esperança, a caridade, a devoção e o espírito de sacrifício”⁸⁶.

A atitude sacerdotal de Jesus Cristo está concentrada, sem dúvida, na oração. Ele mesmo afirmou que “é necessário rezar

⁸³ Const. 89.

⁸⁴ Cf. CIC cân. 1174, 1.

⁸⁵ 2 de fevereiro de 1971.

⁸⁶ Institutio generalis de Liturgia Horarum, n. 12.

sempre sem desanimar”⁸⁷. Sabemos ainda que com Ele e “por meio dEle oferecemos continuamente um sacrifício de louvor a Deus”⁸⁸: devolvemos o seu verdadeiro sentido ao universo, portavozes de louvor de toda a criação.

Será necessário portanto que para esta íntima relação entre Eucaristia e Liturgia das Horas haja um maior cuidado, especialmente por parte dos sacerdotes e dos diáconos, na oração eclesial do Ofício Divino.

(N.B.: Será conveniente reler pessoal e comunitariamente o que foi apresentado pelo Conselheiro para a Formação, Pe. Paulo Natali, no n.º 321 dos ACG — abril-junho 87, pp. 44-54 — sobre as nossas celebrações litúrgicas. São orientações e diretrizes atuais e necessárias.)

Portanto, Dom Bosco nos pede maiores alturas espirituais e celebrativas em liturgia. Não importa se outros seguem modas empobrecidas e infelizmente também banais, justificando-as com algumas afirmações pseudoculturais. O grande critério que deve iluminar as nossas celebrações e a nossa oração é o valor inefável e definitivo dos acontecimentos pascais.

Devemos ter a coragem de assumir os desafios educativos desse critério se quisermos ter êxito no trabalho pedagógico em fazer viver a Eucaristia entre os jovens.

Eis então um segundo grupo de exigências práticas que nos são exigidas pela herança profética do nosso Fundador.

— *Para a educação dos jovens e do povo.* A ação apostólica de Dom Bosco está voltada para levar os destinatários até a Eucaristia. Na biografia de Francisco Besucco, no capítulo 19, ele escreve esta categórica frase: “Fale-se o que se quiser sobre os vários sistemas de educação, mas eu não encontro segurança alguma, a não ser na frequência da Confissão e Comunhão; e acredito não estar falando nenhum despropósito afirmando que omitidos estes dois elementos a moralidade fica comprometida”⁸⁹.

Uma linguagem tão categórica não é muito comum em Dom Bosco; explica-se no contexto polêmico em que nasce, mas reflete o seu verdadeiro sentimento.

O sacramento da Reconciliação unido à viva participação na Eucaristia nas mãos de Dom Bosco era “o meio pedagógico por

⁸⁷ Lc 18,1.

⁸⁸ Hb 13,15.

⁸⁹ Ed. Caviglia, v. 6, Besucci, c. 9.

excelência capaz de corrigir os seus jovens e alicerçar a verdadeira e firme piedade: isto é, aquela que é correspondida pela vida e compenetrada na mesma”⁹⁰.

A riqueza da pedagogia do nosso Pai abraça certamente horizontes muito amplos, mas é difícil constatar que estes dois sacramentos (Reconciliação e Eucaristia) sejam o seu verdadeiro “ápice” e a “fonte”.

As nossas próprias Constituições (que meditamos em preparação ao grande acontecimento do próximo 14 de maio) nos lembram isto em vários artigos.

“Nossa ciência mais eminente é, pois, conhecer Jesus Cristo; e a alegria mais profunda, revelar a todos as insondáveis riquezas do seu mistério. Caminhamos com os jovens para conduzi-los à pessoa do Senhor ressuscitado, a fim de que cresçam como homens novos”⁹¹.

“Encaminhamos os jovens a fazer experiência de vida eclesial mediante o ingresso e a participação numa comunidade de fé”⁹².

“A Eucaristia e a Reconciliação, celebradas assiduamente, oferecem recursos de valor excepcional para a educação à liberdade cristã, à conversão do coração e ao espírito de partilha e serviço na comunidade eclesial”⁹³.

Devemos, portanto, repensar a prática cotidiana da nossa pastoral juvenil; tomemos também em consideração a metodologia da gradualidade: “imitando a paciência de Deus, encontramos os jovens no ponto em que se acha a sua liberdade. Acompanhamo-los para que eles amadureçam convicções sólidas e se tornem progressivamente responsáveis no delicado processo de crescimento de sua humanidade na fé”⁹⁴; mas que seja sempre claro, nos nossos projetos educativos, que “iniciamos os jovens numa participação consciente e ativa na liturgia da Igreja, ponto culminante e fonte de toda a vida cristã”⁹⁵.

Este “iniciar os jovens para participar de maneira consciente e ativa na liturgia da Igreja” significa, concretamente, introduzi-los pedagogicamente ao mistério pascal. Na prática educativa

⁹⁰ Ed. Caviglia, v. 4, Savio, Studio, p. 355.

⁹¹ Const. 34.

⁹² Const. 35.

⁹³ Const. 36.

⁹⁴ Const. 38.

⁹⁵ Const. 36.

de Dom Bosco se faz isso alicerçando a consciência de fé e a amizade de convivência com Jesus Cristo na Eucaristia.

Uma semelhante atitude fundamental exige entre outras coisas, o cuidado pedagógico em “*seis momentos eucarísticos*”:

1. a “conversão”: sem o sentido do pecado não se compreenderá jamais a centralidade e a indispensabilidade de Cristo; e por outro lado, se não se aprofunda a verdade sobre o amor não se saberá o que é pecado;
2. a “iluminação” da Palavra de Deus: só a luz do Evangelho oferece respostas válidas aos prementes problemas da vida;
3. a consciência da “presença real” de Cristo na Nova Aliança: nunca será suficiente insistir, em fazer perceber e no aprofundar as maravilhas da “sacramentalidade” da Igreja na celebração do sacrifício da Missa;
4. a “viva incorporação a Cristo”: a comunhão sacramental é o verdadeiro berço do Homem novo; deve ser apresentada e inculcada continuamente como fonte de profundas convicções e como energia de corajosa vida cristã;
5. a “missão”: ser Corpo de Cristo no mundo exige compromissos cotidianos de participação na sua atividade salvadora; o nosso trabalho educativo deve caracterizar-se no futuro dos jovens ao apostolado;
6. por fim, a amizade de “adoração” também com a sua dimensão reparadora. Dom Bosco dava particular importância ao fato de estar Jesus perto, em casa, à nossa disposição; fazer compreender o mistério do Emanuel significa derrotar nos corações as depressões da solidão e assegurar a cada um seu lugar estratégico de retomada do bem na própria vida.

Eis algumas indicações para programações concretas.

Falei-lhes um pouco mais acima da gradualidade pedagógica. A iniciação ao mistério eucarístico é um processo dinâmico e pedagogicamente criativo, que avança gradualmente como o progressivo crescimento dos destinatários apreciando os acontecimentos pascais e suas exigências de fé na vida pessoal e social⁹⁶.

⁹⁶ Cf. *Ef* 4,13.

A gradualidade, porém, não é uma desculpa para parar na metade do caminho ou até, para nem começar. Tem sempre diante de si com clareza a meta para a qual tende e deixa de ser gradualidade se não se movimentar continuamente em direção a ela. Supõe, portanto, sempre e concretamente, um caminhar pedagógico de crescimento que acompanha e estimula aqueles que querem de verdade ser cristãos e viver da Eucaristia.

Isto me leva a repetir, com profunda convicção, o que dizia no começo: o tema da Eucaristia é para nós o mais vital; é a medida do nosso espírito e da nossa ação!

Uma devoção a Nossa Senhora que leva à Eucaristia

Para concluir, queridos irmãos, lhes aponto um aspecto sugestivo, apropriado para o Ano mariano que estamos vivendo. Não o desenvolvo; só um breve aceno. Trata-se da perspectiva eucarística que tinha a devoção a Nossa Senhora em Dom Bosco.

No século passado os anos sessenta foram um momento crucial do Risorgimento italiano, especialmente no Piemonte. Tudo parecia conjurar contra a Igreja. Dom Bosco observava atentamente, sofria, agia. Percebia no renascimento do culto eucarístico e da devoção à Auxiliadora as “duas colunas” sobre as quais se apoiar para evitar a derrocada.

Inserido num contexto político-cultural que obrigava o Papa e a Igreja a viver num “estado de sítio”, não encontrava algo melhor do que confiar plenamente no mistério da Eucaristia e na poderosa intercessão do “Auxílio dos Cristãos”.

Ele, que não era um teólogo profissional, intuiu como pastor e educador que a linha de força da fé passa sempre através da Eucaristia com a mediação maternal de Maria.

A 30 de maio de 1862 (o ano e o mês da primeira Profissão salesiana!) Dom Bosco narra o seu famoso “sonho das duas colunas”, que se levantam no meio da “imensidão do mar”. Numa encontra-se uma estátua de Nossa Senhora Imaculada com um grande cartaz e a escrita “Auxilium christianorum”; na outra “muito mais alta e bem maior, está uma Hóstia de grandeza proporcional à coluna e abaixo um outro cartaz com as palavras ‘Salus credentium’ ”⁹⁷. São os dois ressuscitados: Cristo e Maria, o novo Adão e a nova Eva que guiam a Igreja!

⁹⁷ MB VII, 169ss.

O “grande navio” — símbolo da Igreja “única arca de salvação” do qual “o Romano Pontífice é comandante” —, após uma luta acirrada contra o mar em tempestade e os assaltos concentrados dos navios inimigos, resiste e vence logo que consegue se firmar entre as duas colunas, isto é na Eucaristia e na Auxiliadora.

O sonho tem inegavelmente um forte aspecto apologético, mas expressa a situação da alma e as profundas convicções de Dom Bosco.

No mês de dezembro do ano seguinte, 1863 — escreve o Pe. Ruffino — o nosso Pai apresenta como Estréia para o ano de 1864 a devoção ao SS. Sacramento e a Nossa Senhora, retomando o sonho das duas colunas: “Estejam bem atentos para me entender: Imaginem ver um grande globo suspenso nos dois polos por duas colunas. Em cima de uma está escrito: ‘Regina mundi’; noutra: ‘Panis Vitae’”. As colunas emanam “fulgidíssima luz”, longe delas não havia senão “densas trevas”⁹⁸.

Jesus e Maria para Dom Bosco estão vivos e presentes na história; intervêm poderosamente a favor da Igreja. Nossa Senhora leva a Jesus. Mas a modalidade da presença real de Jesus, à qual Nossa Senhora leva, é aquela do mistério eucarístico.

Para além de uma situação sócio-política contingente e limitada, permanece viva e atual a dimensão profética e perene das duas colunas, a que hoje nós devemos saber olhar com a nossa vida interior e com o nosso compromisso pastoral e pedagógico para a educação do Homem novo.

Considero comovedor e significativo lembrar aqui o episódio da fundação da casa de Liège na Bélgica, que mostra esta relação. Mons. Doutreloux, dinâmico bispo da cidade, fora até Turim no dia 7 de dezembro de 1887. Dom Bosco estava gravemente enfermo. Os Superiores, que já tinham discutido com o próprio Dom Bosco o pedido para esta fundação, lhe tinham respondido que era preciso adiar o início por causa da falta de pessoal. Na manhã seguinte, Solenidade da Imaculada, o Bispo vai pessoalmente saudar Dom Bosco, o qual, entre a admiração de todos, lhe dá logo uma resposta afirmativa. O que acontecera neste intervalo? O nosso Pai naquela manhã dissera ao seu secretário Pe. Viglietti: “Pega a caneta, tinteiro e papel, e escreve o que vou-te dizer. E ditou: ‘Palavras textuais que a Virgem Ima-

⁹⁸ MB VII, 585-586.

culada, aparecendo-me nesta noite, me disse: — É do agrado de Deus e da Bem-aventurada Virgem Maria que os filhos de S. Francisco de Sales abram uma casa em Liège em honra do Santíssimo Sacramento. Aqui terão início as glórias de Jesus publicamente, e aqui deverão dilatar as mesmas suas glórias em todas as suas famílias e particularmente entre os inúmeros juvenzinhos que nas várias partes do mundo são e serão confiados aos seus cuidados. Dia da Imaculada Conceição de Maria, 1887. Aqui parou. Ditando, chorava e soluçava; a emoção o sacudiu também depois”⁹⁹.

Não lhes parece que seja este um fato emblemático, que enquanto revela, em seu leito de morte, o coração mariano do nosso Pai, indica a orientação viva e concreta da sua devoção a Nossa Senhora e a Jesus-Eucaristia?

Devemos fazer votos, queridos irmãos, que Dom Bosco, mais além da mentalidade e da linguagem do seu século, permaneça sempre — já faz cem anos de sua morte — o nosso Mestre e o nosso Guia em direção à presença viva e envolvente de Cristo no admirável dom sacramental da Nova Aliança.

Maria nos leve cotidianamente ao Cristo. E Cristo seja sempre para nós o Emanuel da liturgia eclesial e do tabernáculo.

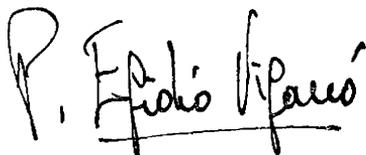
Queridos irmãos, que o '88 desperte em nossos corações o “espírito salesiano” de maneira tão intensa que saibamos renovar, com inteligência e coragem através da Eucaristia, a herança de Dom Bosco na nossa pastoral juvenil e popular.

Saúdo a todos cordialmente.

Felicitações efusivas, especialmente pelo dia 14 de maio!

Com tanta esperança no Senhor

Pe. Egidio Viganó



⁹⁹ MB XVIII, 438-439.

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

CRÔNICA DA CASA: UM COMPROMISSO DE FIDELIDADE

O secretário geral

O art. 178 dos Regulamentos Gerais apresenta algumas normas práticas com relação à conservação do patrimônio vivo das nossas comunidades, como sinal de fidelidade e de estímulo à memória daquilo que na Congregação, com a ajuda de Deus, foi crescendo. Lemos no citado artigo: (O Diretor) “mantenha ordenado e atualizado o arquivo e *redija ou faça redigir a crônica da casa*”. Referindo-se primariamente à responsabilidade do Diretor, como animador da vida comunitária, o texto dos Regulamentos evidencia a importância dos arquivos para a história das comunidades e, em estreita ligação com eles, da CRÔNICA DA CASA.

Focalizaremos este último compromisso, que a nossa tradição sempre considerou uma característica da família, para sublinhar algumas normas concretas para uma melhor atuação.

1. A importância da crônica da Casa

Compreende-se facilmente a importância da crônica da Casa quando se reflete sobre as fontes da história das nossas origens. Podemos afirmar de fato que a memória histórica do Oratório de Valdocco, das origens da nossa Sociedade e da inteira vida do nosso Fundador é tirada em grande parte “das crônicas” que os primeiros filhos e colaboradores de Dom Bosco faziam questão de redigir. É, como falávamos antes, esta uma *característica da nossa Família*: os primeiros Salesianos de fato intuíram a importância de recolher e transmitir tudo aquilo que acontecia no Oratório e especialmente aquilo que se relacionava com Dom Bosco e se comprometeram num trabalho do qual nós hoje podemos usufruir. No nosso Arquivo central temos numerosas destas “crônicas” dos primeiros tempos: é suficiente citar os “Cinco lustros de História do Oratório” do Pe. Bonetti, as crônicas do Pe. Ruffino, do Pe. Rua, do Pe. Barberis etc. O autor das “Memórias Biográficas” reconhece explicitamente que o riquíssimo ma-

terial documentário é tirado em grande parte exatamente destas crônicas. Assim de fato escreve o Pe. Lemoyne: “O Pe. Ruffino e também o Pe. Bonetti são testemunhas dignas de toda fé... Nós uniremos numa só as duas crônicas para que uma complete a outra... Aos seus testemunhos uniremos aqueles do Pe. Miguel Rua, de Mons. Cagliero e de outros veteranos Sacerdotes e Leigos da nossa Congregação” (cf. MB VI, 496; cf. tb MB VII, 922).

Com relação à crônica de cada uma das Casas encontramos nas mesmas Memórias Biográficas uma conferência de Dom Bosco aos Diretores, realizada no dia 2 de fevereiro de 1876, em que ele recomendava vigorosamente este trabalho. Assim expressava-se o nosso Pai: “O que é mais urgente e será bom fazer o mais rápido possível, é que cada Diretor escreva resumidamente a história do próprio colégio, desde a sua fundação até hoje, e continuando a registrar na modalidade de crônica ou de anais todas as coisas importantes que acontecem em seus colégios...” E Dom Bosco lembra o que ele mesmo fez e explica o motivo: “Eu já escrevi sumariamente várias coisas relacionadas com o Oratório, desde o seu início até agora, e aliás até o ano de 1854 muitas coisas escrevi em detalhe. Em 1854 começamos a falar da Congregação e as coisas aumentam imensamente e tomam outro aspecto. Pensei que *este trabalho servirá muito para aqueles que virão depois de nós, e para a maior glória de Deus, e portanto procurai continuar escrevendo...*” (cf. MB XII, 68-69).

Este conceito Dom Bosco o repetirá também na introdução às Memórias do Oratório: “A quem poderá servir este trabalho? Servirá como norma para superar as dificuldades futuras, tomando lição do passado; servirá para tornar conhecido como Deus tenha ele mesmo guiado cada coisa no seu devido tempo...” (MO, p. 16).

É desta convicção do Fundador que os Salesianos aprenderam a deixar escrito a memória das obras e das pessoas; e podemos de verdade constatar, através dos Arquivos, como as sucessivas fundações dos Salesianos e das FMA, sobretudo nas Missões, sejam abundantemente e maravilhosamente documentadas.

Compreendemos assim porque os Regulamentos continuam hoje a lembrar a importância de redigir as crônicas: trata-se de um ato de fidelidade à nossa história, de um dever de reconhecimento e de louvor a Deus por aquilo que Ele realiza através de cada um dos salesianos e de cada comunidade, de um corajoso olhar de esperança para o futuro.

É preciso hoje reafirmar este compromisso: de fato nos damos conta que talvez diminuiu aquela sensibilidade que era própria dos primeiros Salesianos, e em muitos lugares as crônicas estão sendo menosprezadas.

2. Os responsáveis pela redação da crônica

Os Regulamentos indicam quem deve redigir a crônica.

A primeira responsabilidade é obviamente, de acordo com a nossa tradição, do *Diretor*, como animador da vida comunitária e portanto responsável também pelos aspectos organizativos no contexto da comunidade e da obra. A “memória histórica” da obra está entre as preocupações do ministério do Diretor, porquanto refere-se à conservação de tudo aquilo que os irmãos e colaboradores realizam no espírito de Dom Bosco.

Não se fala, todavia, que o Diretor deva ele mesmo necessariamente redigir a crônica. O artigo regulamentar de fato afirma: “*redija ou faça redigir*”. É compromisso do Diretor, portanto, encontrar uma pessoa sensível e capaz, que assuma com interesse a redação pontual da crônica.

É bom insistir sobre o fato que a pessoa escolhida tenha “capacidade” em escrever a crônica, isto é tenha conhecimento dos principais critérios para elaborar um documento válido para a história.

É bom também insistir sobre a “pontualidade” em dedicar-se na composição da crônica: não se deve portanto deixar para muito mais tarde a redação, com o perigo de perder o colorido dos acontecimentos e de fazer depois uns resumos minguados e inexpressivos.

Pode-se aqui mencionar uma objeção que se escuta com frequência: não há tempo para estas tarefas “burocráticas”! A melhor resposta penso possa vir do exemplo de Dom Bosco e dos nossos primeiros missionários: homens entregues a um apostolado certamente excepcional, encontraram todavia o tempo de escrever para o bem dos seus futuros irmãos.

3. Conteúdos da crônica

É muito importante que a crônica seja redigida de acordo com determinados critérios, para que se torne um documento válido para aqueles que virão depois e buscarão na mesma crônica os aspectos típicos do carisma. A crônica de fato, não é um simples "diário" ou "calendário" ampliado, mas deveria ser um livro no qual se descreve a fisionomia de uma comunidade e de uma obra, pondo em destaque os acontecimentos mais significativos da vida.

O critério básico é certamente aquele de cuidar da crônica anual, de maneira que lendo-a, possa-se ter uma idéia da configuração da comunidade (especialmente em relação às pessoas), das atividades desenvolvidas, dos acontecimentos que marcaram o ano educativo e pastoral: fatos descritos com a preocupação de transmitir o que é mais significativo.

Partindo deste critério podemos listar alguns dos conteúdos que deveriam aparecer cada ano na crônica:

a) *Descrição da comunidade e da obra*: cada ano a crônica iniciará com a apresentação da comunidade salesiana (pessoas com respectivas tarefas) e da obra (nos seus diferentes setores, com os colaboradores, jovens, alunos, fiéis etc.);

b) *Programação comunitária*: apresentação da programação da comunidade salesiana, e também — oportunamente — das programações dos vários setores da obra;

c) *Festas e acontecimentos mais importantes*: deverão ser apresentados nos aspectos mais interessantes, com adequada documentação (fotografias, artigos de jornais etc...);

d) *Visitas características e importantes*: de superiores, de autoridades religiosas e civis, de outros hóspedes que enriqueceram o espírito salesiano etc... Um traço particular será dado à visita inspetorial ou, quando se realizar, à Visita extraordinária;

e) *Avaliações*: do final do ano ou de outros importantes momentos do ano.

Trata-se, evidentemente, só de exemplificações de alguns conteúdos; muitos outros serão encontrados pela criatividade do encarregado da crônica.

A crônica poderão ser utilmente anexados os vários *Noticiários* (ou Boletins e jornais) locais, fontes preciosas de notícias.

4. Documentação fotográfica

Como dissemos, a crônica será enriquecida com uma boa documentação fotográfica, que será conservada no arquivo da Casa, de maneira oportuna, como anexos e partes integrantes da mesma crônica. Hoje o desenvolvimento da fotografia permite ter uma documentação mais bonita e mais objetiva de um determinado período; mas para isto é necessário que uma pessoa receba uma tarefa específica e se interesse pela documentação. Não há necessidade de muitas fotografias, mas é importante ter uma documentação "essencial" e bem cuidada: lembremo-nos que também neste campo a nossa finalidade é a de transmitir a memória histórica aos nossos jovens irmãos do futuro.

Com relação à documentação fotográfica é útil lembrar duas coisas:

a) As fotografias, que são conservadas, devem ser adequadamente "*documentadas*" para que no futuro possa-se saber com precisão a que fato ou pessoa se referem. Em cada foto portanto deverão aparecer os seguintes elementos: a data, o lugar, o acontecimento a que se refere, as pessoas interessadas.

b) A documentação fotográfica dos acontecimentos mais importantes deverá ser *mandada seja ao centro inspetorial como ao centro da Congregação* (= Secretaria geral), para que possa ser conservada para a utilidade de todos. É este um ponto a ser cuidado com amor!

Juntamente com a documentação fotográfica poder-se-ia também, para certos acontecimentos, conservar uma *documentação audiovisual*, filmes, eslaides, gravações, videocassetes etc. Tudo, evidentemente, no espírito da pobreza religiosa.

5. "Síntese" da crônica para o Arquivo Central

Um bonito costume que caracterizou a nossa Sociedade desde os seus inícios, foi o de transmitir cópia das crônicas das Casas ao centro da Congregação, para que fosse mais útil ao maior número de membros da Família salesiana. Lemos na citada

conferência de Dom Bosco aos Diretores: "Ano por ano cada Diretor faça transcrever esta crônica num outro grande livro, bem escrita, e esta cópia ficará sempre nos arquivos daquele colégio, e o original ou uma outra cópia... será mandada para Turim para que os Superiores conheçam bem como andam os colégios e possam ter uma norma e uma história de toda a Congregação" (MB XII, 69).

Esta prática foi seguida por um tempo considerável na Congregação, mas quando o número das casas multiplicou-se grandemente os Superiores não pediram mais a crônica inteira de cada Casa, mas sim uma síntese da mesma, ano por ano.

Essa norma permaneceu em vigor até agora, mas por um conjunto de circunstâncias desde alguns anos não foi mais exigida: isto levou certamente a um empobrecimento do nosso Arquivo central.

Percebe-se agora como é importante insistir sobre este compromisso, seguindo as indicações dadas às Secretarias inspetoriais: "*A cada seis anos mande-se uma síntese da crônica de cada uma das Casas, onde estejam assinalados os acontecimentos principais e as etapas mais importantes de um crescimento da casa...*" (cf. ELEMENTOS JURÍDICOS E PRAXIS ADMINISTRATIVA NO GOVERNO DA INSPETORIA, n.º 170).

Concretamente: cada ano o Diretor providenciará para que se elabore uma síntese da crônica anual, que focalize exatamente os acontecimentos mais importantes (com adequada documentação), e a mandará para a Secretaria inspetorial. Esta, a cada seis anos, providenciará para que chegue a uma "síntese" até à Secretaria geral.

Tudo isto será de grande contribuição para o conhecimento e a história da Congregação.

Evidentemente para acontecimentos especiais (aniversários, celebrações particulares etc.) enviar-se-á uma documentação específica.

As normas, que foram brevemente lembradas, espera-se que possam ser sempre mais valorizadas, para o bem de cada Casa e da nossa inteira Congregação. Dom Bosco, que lembramos no centenário de sua morte, nos é de exemplo e de estímulo.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Após ter voltado da viagem à América Latina (cf. ACG n. 323), o Reitor-Mor esteve comprometido todo o mês de outubro (desde o dia 1.º ao 30 do mesmo) no Sínodo dos Bispos; para uma maior disponibilidade de tempo escolheu a hospitalidade da Poliglota Vaticana. Na Assembléia geral do Sínodo fez uma intervenção oral e uma escrita (cf. n. 5.1. destes ACG) e esteve particularmente ativo no “círculo menor de língua italiana”, onde se inscrevera por um especial interesse pela problemática atual que aí seria tratada. Nos finais de semana retornava a Pisana para cuidar das correspondências e de outros compromissos urgentes.

Nos dias 31 de outubro a 2 de novembro, o Reitor-Mor esteve em Londres (Battersea) para celebrar juntamente com os irmãos e a Família Salesiana o centenário da chegada dos Salesianos na Grã-Bretanha.

Zagreb o recebeu entre os dias 6 a 9 de novembro para a Visita de conjunto às Inspetorias da Iugoslávia, à qual seguiu-se imediatamente a abertura da sessão plenária do Conselho geral.

Com os membros do Conselho, entre o 15 a 21 de novembro, participou dos Exercícios espirituais na casa de encontros em S. Cruz (Bocca de Magra) junto dos Carmelitas Descalços: pregou-os o Bispo de Livorno, Mons. Alberto Ablondi.

A Inspetoria Ligure-Toscana aproveitou a ocasião da presença do Reitor-Mor para um encontro em

La Spezia sobre o tema do Sínodo: participaram irmãos de todas as casas e também FMA. Celebrou-se depois em Gênova a anual “festa do Reitor-Mor”, caracterizada por interessantes diálogos com diferentes grupos juvenis e pela Promessa de numerosos Cooperadores e Cooperadoras.

Durante a sessão do Conselho devemos assinalar ainda três viagens do Reitor-Mor:

— em Bréscia, nos dias 27-29 de novembro para celebrar, juntamente com o 25.º aniversário da escola técnica profissional, a abertura do centenário de Dom Bosco, em nível local; também encontrou-se com os pós-noviços de Nave e com membros da Família Salesiana e com os habitantes de Darfo, para falar sobre o tema do Sínodo;

— em Trento, nos dias 6 a 8 de dezembro, para celebrar o centenário da chegada dos primeiros Salesianos; aproveitou também para se encontrar com jovens e membros da Família Salesiana de Bolzano;

— em Liège, entre os dias 12 e 13 do mesmo mês, também para celebrar o centenário da chegada dos Salesianos na Bélgica.

4.2. Crônica dos Conselheiros

O Conselheiro para a Formação

O Conselheiro para a Formação, Pe. Paulo Natali, após a “Visita de conjunto” às Inspetorias da Região Ibérica, realizada em Fátima nos dias 2 a 9 de agosto, preparou os encontros com os respon-

sáveis pela Formação das várias Inspetorias, que teria visitado depois entre o 6 de setembro e o 31 de outubro.

Os objetivos que pretendia alcançar eram os de acompanhar e assegurar a realização da FSDB e dos DIF nas estruturas das comunidades formadoras, na formação dos formadores e dos professores, no aperfeiçoamento da metodologia da ação formativa, na continuidade e na especificidade das experiências pastorais, no cronograma dos estudos.

Em cada Inspetoria visitada encontrou-se com o Inspetor e o seu Conselho, a CIF, as equipes dos formadores e os professores de cada uma das comunidades e centros de estudo (onde julgou oportuno encontrou-se com o Conselho) e os jovens salesianos em formação. Nalgumas Inspetorias realizou-se uma manhã de trabalho também com os diretores e uma tarde com os padres do primeiro quinquênio de sacerdócio.

No mês de setembro, portanto, após a Visita de conjunto às Inspetorias de língua inglesa (realizada nos dias 6 a 12), visitou sucessivamente as Inspetorias do México-México, entre os dias 14 e 18, de México-Guadalajara, entre os dias 18 ao 22, e da América Central (Guatemala) de 23 a 27 de setembro.

Uma atenção especial dedicou:

— No México-Guadalajara ao Teologado interinspetorial de Tlaquepaque, aos novos ambientes da comunidade formadora e ao Centro de estudos já quase filiado à UPS; e ao Pré-noviciado para os Salesianos Coadjuutores de San Luís Potosí, ao prédio, no qual estão hospedados também os aspirantes, à equipe dos formadores;

— no México-México ao Pós-noviciado interinspetorial, que foi trasladado para Huipulco-Tlapan; ao Pré-noviciado para os Salesianos Coadjuutores de Queretaro, uma estrutura formativa entre as mais bem cuidadas. Fez uma reflexão comunitária sobre o Plano formativo do Salesiano Coadjuutor do Pré-noviciado ao Pós-tirocínio com os responsáveis inspetoriais e locais;

— na América Central, que assiste a um bom crescimento de vocações em número e qualidade, ao Teologado de Guatemala com vistas à formação, renovação e mudança de pessoal a ser preparada com planejamento inteligente e para a unificação dos critérios de admissão.

No mês de setembro, após alguns dias em Roma, viajou com os mesmos objetivos, e também durante o mês de outubro, para visitar algumas Inspetorias da Europa: Iugoslávia: Eslovênia (JUL) e Croácia (JUZ), Bélgica Norte (BEN) e Bélgica Sul (BEL), França Norte (FPA) e França Sul (FLY).

Nos vários encontros, um interesse comum e uma vontade concreta de melhora manifestaram-se:

— com relação à composição das comunidades formadoras, às vezes muito reduzidas em número de irmãos em formação e portanto, aqui e acolá, obrigadas a reunir fases especificamente diferentes;

— em relação aos Centros de estudo, da seriedade da sua orientação, da importância dada a algumas disciplinas e do enfoque pastoral, da maior ou menor possibilidade de integrá-las com os conteúdos indicados pela FSDB.

Com este objetivo recolheram-se informações sobre as faculdades de

Zagreb e Ljubljana; foram examinados planos de estudo e houve encontros com os responsáveis (Decanos e Reitores) dos Centros de estudo: da CKS (Centrum voor Kerkeleje Studiken) na Bélgica Norte; do ITE (Institut d'Études Théologiques), um instituto inter-religioso na Bélgica Sul; e em Paris do CENTRE SÈVRES (Instituto Superior de filosofia e teologia da Companhia de Jesus) e do INSTITUT CATHOLIQUE.

Com relação ao processo formativo e a sua fidelidade aos critérios da nossa FSDB, estabeleceram-se algumas orientações. Foram numerosos os encontros: deve-se assinalar o das CIF das duas Inspetorias francesas, presente o Regional na visita canônica à Inspetoria de Lyon e os dois Inspetores, em Presins por um dia inteiro.

De volta para Roma, dedicou alguns dias, no final de novembro para visitar o noviciado de Lanúvio e o de Pinerolo, o estudantado teológico de Turim-Crocetta, a comunidade dos teólogos do Gerini em Roma, aquela dos pós-noviços de São Tarcício e aquela dos padres estudantes em Roma-Testaccio.

No dicastério, ao mesmo tempo, dedicaram-se em preparar, sendo nossa tarefa, o curso de formação permanente organizado pelo dicastério de Pastoral Juvenil, e por sermos os animadores durante o tempo de sua duração.

Houve também contatos com experiências formativas de outros Institutos religiosos e prestamos para um curso de Formação permanente de formadores capuchinhos.

O Conselheiro da Pastoral Juvenil

Ao terminar a sétima sessão plenária do Conselho geral, o Pe. Juan Vecchi animou uma semana de

aprofundamento do novo texto constitucional na Inspetoria de Portugal. Participaram uns quarenta irmãos. Logo após, em Fátima, participou, juntamente com o Reitor-Mor e alguns membros do Conselho, da Visita de conjunto à Região Ibérica. Em seguida, no encontro de pastoral da Inspetoria romana (28-29 de agosto), desenvolveu o tema: "Formação e corresponsabilidade dos leigos na Comunidade educativo-pastoral".

No mês de setembro esteve nos Estados Unidos para a Visita de conjunto para as Inspetorias de língua inglesa, reunidas em Ipswich (Boston).

Nos dias 21 a 25 do mesmo mês teve lugar na Casa geral o seminário sobre "Prática educativo-pastoral salesiana e Ciências da Educação", cujas conclusões são apresentadas neste número dos ACG (cf. n. 5.2).

Após uma semana em Nova Deli (27 de setembro — 3 de outubro) para participar de um grupo de estudo, verificar a orientação do Centro Nacional de pastoral e concluir a fase de organização de um curso que será ministrado em 1988, viajou para a América do Sul. Em Porto Alegre teve um encontro com a equipe nacional de pastoral para reformular em sintonia com o contexto cultural e eclesial, a proposta de espiritualidade juvenil salesiana. Na cidade de Rosário (Argentina) as equipes de pastoral das sete Inspetorias do Prata se reuniram para avaliar as possibilidades e os limites da animação nas próprias Inspetorias e traçaram novas modalidades de informação para troca de orientações e experiências no contexto interinspetorial. O Pe. Vecchi participou depois de reuniões para uma reflexão sobre a pastoral vocacional em Buenos Aires e Rio Gallegos. Passou tam-

bém alguns dias na Inspetoria da Bolívia, encontrando-se com o Conselho inspetorial e com os Diretores sobre o projeto pastoral e sobre a experiência associativa no País.

No início de novembro acompanhou o Reitor-Mor na visita às Inspetorias de Ljubljana e Zagreb.

Neste período o dicastério da Pastoral Juvenil enviou às Inspetorias o subsídio n. 12 "O animador salesiano no grupo juvenil" o dossiê PG 2 e o volume "Marginalização juvenil e pedagogia salesiana" que reúne as relações e as experiências dos três seminários realizados durante o ano de 1986.

No dia 3 de novembro, na Casa geral, iniciava o XXII curso de formação permanente, destinado aos animadores vocacionais, aos diretores de aspirantados e comunidades de iniciação e encarregados do pré-noviciado, preparado em colaboração com o dicastério da Formação. Vinte e sete irmãos participaram, vindos de vinte e cinco Inspetorias. Ao mesmo tempo a nossa Universidade desenvolvia um curso para encarregados escolares com 24 participantes entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora de diferentes partes do mundo. O Pe. Vecchi falou por algumas horas sobre o Sistema preventivo e sobre a realidade atual da escola salesiana.

Por último, insistindo sobre a necessidade de dedicar particular atenção à idade juvenil, fez-se um levantamento sobre o nosso compromisso entre os jovens universitários na Europa e convocou-se um encontro de estudo sobre este tema para o mês de abril de 1988.

O Conselheiro para a Família salesiana e a Comunicação social

Durante estes últimos meses (julho-dezembro) o Conselheiro para

a Família salesiana e a Comunicação social tomou parte, primeiramente, nas "visitas de conjunto" programadas pelo Reitor-Mor e o seu Conselho: em Fátima, para a Região Ibérica, entre os dias 2 e 8 de agosto; em Ipswich (Boston — EUA) de 8 a 13 de setembro, para a Região de língua inglesa; em Zagreb entre 7 e 9 de novembro para as Inspetorias da Iugoslávia.

Na Itália participou do encontro para novos diretores em Roma nos dias 19 e 20 de agosto, e depois em Turim presidiu o Encontro dos músicos salesianos da Europa, ao qual aderiram também as Filhas de Maria Auxiliadora. Mais de uma centena entre professores, mestros, diretores de corais, compositores, durante vários dias aprofundaram o significado atual da música nos ambientes salesianos. Foram avaliadas as diferentes atividades artístico-musicais para o '88; foram tomados contatos para uma colaboração na dinamização da música educativa, pastoral e juvenil; foram lançadas as bases para a organização de uma associação que reúna todos os músicos salesianos espalhados no mundo.

Antes da Visita de conjunto aos EUA, o Pe. Cuevas visitou os centros de Cooperadores de Puerto Rico; após o encontro em Boston, viajou para a América Central, em El Salvador, para tomar contato com a caminhada dos grupos da Família Salesiana.

Por volta do final de setembro esteve no Brasil, na Inspetoria de Manaus, para a animação dos delegados da Família salesiana e da Comunicação social; muito úteis foram os encontros com os diferentes centros de Cooperadores salesianos. Este mesmo trabalho foi depois repetido na Inspetoria de Porto Alegre, em Curitiba, encontraram-se mais de cem Cooperado-

res com os próprios delegados para aprofundar os conteúdos do novo Regulamento de vida apostólica.

Antes de deixar o Brasil, em São Paulo, participou, juntamente com os responsáveis inspetoriais pela Comunicação social, do encontro de revisão de trabalho que desenvolve a Editorial salesiana Mooca, e teve um diálogo sobre o sentido de pertença à Família Salesiana com todos os responsáveis dos diferentes grupos que trabalham no território da Inspeção de São Paulo.

Continuando as visitas de animação, esteve depois, nos primeiros dias de outubro na Argentina, para encontros programados com os centros de Cooperadores da Inspeção de Bahía Blanca. Estes encontros interessaram também os Ex-alunos de Dom Bosco e os outros Institutos da Família Salesiana.

Diálogo de reflexão e de programação foi feito também com os Responsáveis da Comunicação social. Não faltaram as visitas às nossas comunidades formadoras e ao Instituto João XXIII.

Em Buenos Aires o Pe. Cuevas encontrou-se com o Conselho inspetorial dos Cooperadores, com os delegados e delegadas locais, juntamente com o delegado central para os Cooperadores, Pe. José Reinoso. Um dia foi também dedicado à animação e à avaliação com os responsáveis da Editorial Don Bosco de Buenos Aires.

Nos dias 5 a 13 de outubro visitou, na Inspeção do Chile, os centros dos Cooperadores salesianos de Punta Arenas e de Puerto Natales, na Patagônia chilena. Aqui foram estudados os futuros programas da rádio salesiana "Presidente Ibañez". Em Santiago encontrou-se com os centros dos Cooperadores da região central do país; participou das celebrações do cen-

tenário da chegada dos Salesianos no Chile organizadas pelos Ex-alunos de Dom Bosco; dedicou vários dias ao setor das Comunicações sociais com encontros e visitas; esteve presente na sessão de estudo do Conselho inspetorial salesiano; por fim, participou também de algumas manifestações em homenagem pelos oitenta anos do Cardeal Silva Henríquez.

De volta a Roma, participou, em Tívoli, de um dia de estudo com as Salesianas Oblatas do Sagrado Coração sobre o carisma próprio da Congregação.

Entre os dias 23 a 27 de outubro tomou parte do congresso-romaria da Família salesiana em Jesna Gora, Czestochowa, na Polónia, e depois ao encontro de estudo para os delegados e delegadas que animam os diferentes centros locais das Inspeções polonesas.

Após ter voltado para Roma, parte para a Austrália: aqui, além de conhecer as obras salesianas, manteve encontros com os Cooperadores, especialmente dirigentes, com os delegados e delegadas, com os responsáveis pela preparação do próximo congresso asiático-australiano dos Ex-alunos de Dom Bosco (28 de agosto — 3 de setembro de 1988) que será realizado em Melbourne, como um dos momentos fortes, para aquela Região, do centenário da morte de Dom Bosco.

Voltando para Roma, após a visita de conjunto na Iugoslávia, dá início aos trabalhos do primeiro encontro da imprensa periodística juvenil salesiana, em Turim-Valdoco, de 23 a 28 de novembro de 1987.

O Conselheiro para as Missões

No período de 30 de julho a 15 de agosto o Conselheiro para as Missões pregou dois cursos de

Exercícios Espirituais para Missionários Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora na África: o primeiro em Sikasso (Mali) para os missionários do Mali, Costa do Marfim e Guiné-Conacri; o segundo em Parakon (Benin) para os missionários do Benin e do Togo.

No dia 15 de agosto, festa da Assunção de Maria, inaugurou o novo Noviciado em Lomé (Togo). Nos dias 16 a 24 de agosto, visitou as comunidades de Lablé e Ebolowa nos Camarões. De volta a Roma, de 25 a 30 de agosto, esteve presente na Semana de estudo sobre a Animação Missionária Salesiana, que se realizou na casa do Sagrado Coração em Roma.

A 5 de setembro partiu novamente desta vez para os Estados Unidos, para participar com o Reitor-Mor e outros Conselheiros da "Visita de conjunto" para a Região de língua inglesa. Logo depois fez uma visita a alguns organismos da Alemanha, chegando em Roma no dia 16 de setembro.

Do dia 30 de setembro a 4 de outubro, o Pe. Luc Van Looy esteve em Turim com os novos Missionários, que se preparavam para partir para as Missões: a dezenove deles no dia 4 de outubro entregou o Crucifixo na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora.

No dia 8 de outubro partiu para o Oriente, onde visitou as comunidades de Jacarta e de Timor, passando por muitas aldeias do Timor Oriental. Em seguida viajou para Calcutá, onde teve possibilidade de visitar a missão de Ranchi e as casas de Siliguri e de Sonada.

Nos dias 25 a 30 de outubro em Shillong participou da Semana de estudo sobre a Evangelização na Índia.

Na noite do dia 31 de outubro chegou à Coreia do Sul, onde teve a alegria de entregar as Constitui-

ções traduzidas em língua coreana a todos os irmãos.

Entre os dias 4 e 9 de novembro, por fim, visitou os irmãos do Japão que trabalham na Ilha de Kishu, em Osaca e Tóquio.

O Ecônomo geral

No dia 18 de julho o Ecônomo geral encontra-se em Milão com os Ecônomos inspetoriais da CISI e, juntamente com o Secretário geral, Pe. Marcaccani, trata das "relações econômicas entre casa salesiana e paróquia".

No Sagrado Coração de Roma, a 5 de agosto assiste à profissão perpétua das quatro FMA das duas Inspeções romanas e preside à concelebração.

Em data de oito de setembro na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim recebe as primeiras profissões dos noviços de Pinerolo.

Em Caorle-Venezia, a 27 de setembro, participa do encontro dos animadores dos grupos juvenis da Inspeção Vêneta S. Marcos e durante a celebração eucarística recebe a profissão perpétua de dois jovens salesianos.

Nos dias 29-30 de setembro em Loreto participa do encontro dos Ecônomos inspetoriais da CISI.

A 8 de outubro está em Turim para presidir o Conselho de Administração da SEI.

Entre os dias 14 de outubro e 7 de novembro visita na Índia as Inspeções de Bombaim, Bangalore, Madras e Calcutá.

O Conselheiro para a Região Pacífico-Caribe

Deixando Roma na primeira semana de agosto, o Pe. Ignácio Ve-

lasco viajou imediatamente para a República do Haiti, com a finalidade de ter um primeiro contato com a situação do país, e preparar a Visita extraordinária, deveria depois realizar durante sua Visita à Inspeção das Antilhas. Durante quatro dias de permanência, pôde manter contatos com os superiores da Delegação e com alguns irmãos de Pétiou-Ville e de Port-au-Prince.

Do Haiti o Conselheiro passou diretamente para a ilha de Cuba para realizar a Visita canônica a esta "Delegação", que faz parte da mesma Inspeção de São Domingos.

Em Cuba pôde encontrar e falar com todos os irmãos e visitar as obras salesianas de Havana, de Santa Clara e de Santiago de Cuba. Teve também ocasião de estar com um grupo de 80 jovens, que se encontravam na nossa casa de Compostela para um tempo de convivência.

Deixada a ilha de Cuba (passando pelo Panamá) esteve em visita de animação nas Inspeções de Bogotá, de Medellín e do Equador.

Em seguida volta à Inspeção das Antilhas para continuar a visita. Após ter encontrado o Inspetor e o Conselho inspetorial na sede da Inspeção, visitou cada uma das casas da República Dominicana.

Depois volta ao Haiti para visitar cada uma das comunidades. Na ocasião participou também dos últimos dias do curso de salesianidade organizado para todos os irmãos pelo Pe. Martinho McPake, Conselheiro da Região de língua inglesa, e Pe. Morand Wirth, Vicário inspetorial da Inspeção de Lyon. A eles a Inspeção deve um "grande muito obrigado".

Terminada a visita no Haiti, foi a vez de Porto Rico; em seguida

voltou à República Dominicana para visitar ainda algumas comunidades da capital e da região de Barahona.

Por fim realizaram-se as reuniões finais da Visita com as diferentes comissões, com o Conselho inspetorial e com todos os Diretores.

Na primeira semana de novembro voltava para a sede em Roma.

O Conselheiro para a Região do Atlântico

Terminados os encontros da sessão estava do Conselho geral, o Pe. Carlos Techera partiu para o Brasil, onde iniciou de imediato a Visita extraordinária à Inspeção "São João Bosco" de Belo Horizonte.

A 19 de agosto, após ter recebido — com algum atraso — o visto governamental, podia embarcar para Angola e realizar uma visita programada já há algum tempo. Visitou as comunidades de Luanda, Dondo e aquela fundada recentemente em Kalulo; por dificuldades nas linhas aéreas infelizmente não conseguiu chegar até Lwena.

Nesta visita um dos temas mais evidenciados nas conversas com os Irmãos foi a urgência de ter um lugar onde poder formar os candidatos à vida religiosa salesiana, que já existem. Foram também estudadas algumas perspectivas para o futuro, em conversas com o Senhor Cardeal de Luanda e com o Delegado Apostólico.

De volta para a América Latina, participou a um histórico encontro em La Plata: aqui pela primeira vez encontraram-se juntos os sete Inspetores SDB com os seus delegados, as Inspetoras e delegadas FMA, responsáveis das VDB, dos Cooperadores e dos Ex-alunos de Dom Bosco. No encontro como pri-

meio momento foi apresentado o testemunho dos participantes da maneira como cada um vive, em sua especificidade, o carisma do nosso Fundador. Seguiu-se depois uma sessão de trabalho para preparar o centenário "Dom Bosco '88".

Após ter celebrado em Montevideu o 25.º aniversário da Ordenação sacerdotal, continuou a Visita extraordinária em Belo Horizonte; também realizou a consulta para a nomeação do novo Inspetor da Inspeção de Recife.

Encontrando em Brasília o Núcleo Apostólico e diferentes Bispos, durante os meses da visita, pôde perceber o reconhecimento dessas autoridades pelo trabalho feito pelos Salesianos da Inspeção de Belo Horizonte, especialmente no campo da pastoral juvenil entre os garotos mais pobres ("menores carentes") e com os meninos de rua.

Tendo sido adiado de alguns dias o início da sessão plenária do Conselho, teve a oportunidade de realizar uma breve visita à Bolívia e sobretudo, logo em seguida, de fazer uma experiência importante encontrando-se com os Irmãos da Nicarágua e de Cuba.

No domingo 8 de novembro estava de volta a Roma.

O Conselheiro para a Região Asiática

Deixando Roma no dia 3 de agosto, o Pe. Thomas Panakezhram esteve primeiramente em Bombaim para promover a consulta para a nomeação do novo Inspetor, pois estava findando o sexênio do Pe. Chrys Saldanha. Por uma semana o Regional visitou todas as comunidades da Inspeção para apresentar aos irmãos a consulta.

Em seguida o Pe. Panakezhram viajou até Hong Kong para acompanhar o Reitor-Mor em sua viagem à China continental: Pequim, Cantão e Shiu Chow. É dever agradecer todos aqueles que prepararam esta viagem com inteligência e visão de futuro.

Terminada a viagem na China, o Conselheiro regional esteve na Tailândia para uma rápida visita às casas de formação de Sampran; logo em seguida iniciou a Visita extraordinária à Inspeção de Madras, na Índia.

A Visita iniciou pela ilha de Sri Lanka, onde temos quatro presenças salesianas que pertencem à Inspeção. Também se esta ilha está sofrendo com a violência por causa dos problemas étnicos, é preciso reconhecer que os nossos irmãos podem trabalhar sem grandes inconvenientes.

Deve-se assinalar que durante o período da Visita em Madras realizou-se também a Conferência inspetorial Indiana entre os dias 8 e 10 de setembro, sempre em Madras. Na Conferência foi aprovado um documento sobre a "Formação intelectual nos pós-noviciados" na Índia, e foram nomeadas duas Comissões para estudar a formação intelectual nos pré-noviciados e noviciados e estudantes teológicos. Foram também aprovadas as linhas mestras para o funcionamento do "Don Bosco youth animation" (DBYA) que terá o seu centro em Nova Deli.

A Visita extraordinária à Inspeção de Madras teve a duração de dois meses e meio: iniciada no dia 24 de agosto, teve o seu final a 8 de novembro. Na Inspeção o Visitador notou com satisfação um interesse mais explícito em favor dos pobres, a vibrante devoção mariana e o aumento das vocações. Após uma breve estadia na casa

inspetorial de Bombaim, o Pe. Pe-nakezharn regressou a Roma no dia 11 de novembro.

O Conselheiro para a Região de Língua inglesa

Durante os meses de agosto, setembro, outubro e os primeiros dias de novembro, o Pe. Martinho McPake viajou bastante: na sua Inspeção de origem, nos Estados Unidos, no Haiti e novamente na Grã-Bretanha.

Após uns dias de descanso na Escócia, esteve na Inglaterra na casa inspetorial de Stockport e juntamente com os membros do Conselho inspetorial foi feita a avaliação do trabalho realizado no ano passado e uma programação do trabalho para o futuro.

No final do mês de agosto partiu para os Estados Unidos, onde nos dias 4 a 17 de setembro acompanhou o Reitor-Mor, antes numa breve visita de animação à Inspeção de Oeste, depois na "Visita de conjunto" em Ipswich (Massachusetts), e por fim novamente uma rápida visita de animação nalgumas comunidades da Inspeção de New Rochelle.

Dos Estados Unidos viajou para a República do Haiti, onde juntamente com o Vicário inspetorial de Lyon acompanhou os irmãos da Delegação Haitiana, reunidos para uma semana de espiritualidade, na reflexão sobre o tema escolhido: "Dom Bosco Ontem e Hoje", na história e nas Constituições.

Terminado o encontro em Pé-tion-Ville, o Conselheiro partiu para o Canadá para realizar a Visita extraordinária à Delegação Canadense.

O Conselheiro lembra com alegria cada uma destas visitas. Em

sua estadia em Stockport, na Inglaterra, ele pôde admirar a seriedade do trabalho do Conselho inspetorial. Daquela mais longa nos Estados Unidos permanece sempre viva a lembrança dos grandes encontros em São Francisco, em Los Angeles, em Boston, em Newton e em New Rochelle: em cada um destes encontros o Reitor-Mor alimentou a alegria, a inteligência e o entusiasmo pela vocação salesiana e reforçou o sentido de ser Família entre os SDB, as FMA, os Cooperadores e os Ex-alunos. O Regional lembra de maneira particular o dia em Newton, onde o Reitor-Mor recebeu a profissão perpétua de três salesianos e a entrevista em Nova Iorque, na qual o Reitor-Mor respondeu às perguntas de vários jornalistas sobre os problemas da China, Nicarágua, do Haiti etc. Neste último país o Pe. McPake pôde admirar o trabalho sacrificado dos irmãos da Delegação, os quais são entre os mais ativos entre os pobres.

Passando para o Canadá para a Visita extraordinária, como se disse, foi como passar de um extremo ao outro, naquilo que se refere ao contexto social; só o espírito dos irmãos é idêntico. A obra de Dom Bosco é altamente apreciada neste país, que em geral é rico, e se o número dos irmãos não fosse diminuto, poder-se-ia penetrar no mundo juvenil canadense um pouco em todos os lugares.

O Regional terminou a sua viagem, voltando à Inglaterra, sua Inspeção de origem, para participar, ao lado do Reitor-Mor, da solene comemoração pelo centenário da chegada dos primeiros salesianos em Londres. O tema central do encontro aqui foi "A Igreja e os Jovens". Recém-terminado o Sínodo dos Bispos em Roma, o Reitor-Mor atraiu a atenção de todos os participantes sobre a im-

portância dos leigos na Família salesiana: os muitos leigos presentes ficaram muito felizes!

Após as celebrações do centenário tentou voltar para Roma, mas a neblina estava tão espessa que por várias horas o aeroporto ficou fechado. Foi uma pequena lembrança daquele longínquo 16 de novembro de 1887, quando, um pouco antes da morte de Dom Bosco, os primeiros três salesianos chegaram em Battersea!

O Conselheiro para a Europa e a África Central

Cison di Valmarino (Treviso) assistiu, na primeira semana de agosto, à reunião anual dos professores e animadores da Faculdade de Pedagogia e de Teologia de Benediktbeuern. Juntamente com eles, com os Inspectores alemães estava também presente o Conselheiro Regional.

Em seguida era a vez da Inspeção da França meridional (Lyon) receber a Visita canônica extraordinária. O Pe. Domingos Britschu iniciou oficialmente a Visita no dia 10 de setembro e a concluiu a 27 de outubro.

Maroggia e Lugano (Cantão Ticino) hospedaram, de 29 a 30 de outubro, os membros da "Comissão para os Problemas salesianos na Suíça" (CPSS) e da SATCH (cf. ACG n. 318). A agenda da reunião do dia ofereceu amplo espaço para os últimos preparativos do Centenário de Dom Bosco.

Os Inspectores da Croácia e da Eslovênia, acompanhados pelos seus respectivos Conselheiros, reuniram-se pela primeira vez, nos dias 6 a 9 de novembro em Zagreb, juntamente com o Reitor-Mor e os Conselheiros dos vários dicastérios: Formação, Pastoral Juvenil, Famí-

lia salesiana e Comunicação social. As presenças missionárias foram assumidas pelo Regional.

A Casa de Berlim-Wannsee confirmou as suas qualidades de acolhida, hospedando nos dias 12 a 15 de novembro a Conferência inspetorial de língua alemã, à qual participou também o Inspetor da Bélgica Norte.

O Conselheiro para a Região Ibérica

Deixando Roma no final de julho, o Pe. José Antônio Rico participou da "Visita de conjunto" para a Região, realizada em Fátima (Portugal) nos dias 2 a 8 de agosto.

Após um tempo de descanso na primeira metade de setembro o Conselheiro preocupou-se em organizar o trabalho para a elaboração do manual de oração salesiana, o organograma de estudos para os irmãos africanos da Região Ibérica, as diferentes iniciativas pelo Ano Centenário da morte de Dom Bosco. Em seguida pregou os Exercícios Espirituais aos noviços da Inspeção de Madri.

A 20 de setembro retomou a Visita extraordinária à Inspeção de Sevilha, que interrompera em maio. A visita prolongou-se até o dia 31 de outubro, com uma breve interrupção para a reunião anual da Conferência Inspeção Ibérica (24 e 25 de outubro).

Terminada a Visita extraordinária, o Pe. Rico esteve no curso de Formação Permanente em Campello, onde se entretive dando informações sobre a vida da Congregação e da Região.

Por fim reuniu os Diretores da Inspeção de Madri, para preparar a Visita extraordinária, que iniciará nos primeiros dias de fevereiro de 1988.

A 9 de novembro voltou para a sede em Roma.

O Conselheiro para a Itália e o Médio Oriente

Concluída a sessão estava das reuniões do Conselho geral, o Pe. Luís Bosoni encontrou os Inspetores da Itália e do Médio Oriente reunidos em Presidência de 24 a 27 de julho. Tratou-se da maneira de concretizar as indicações da "Visita de conjunto" com escolhas e determinações para que cheguem às Inspetorias antes das programações do novo ano educativo-pastoral.

No dia 28 de julho foi mandada a carta que assinalava as escolhas feitas.

A 1.º de agosto o Pe. Bosini iniciava, em nome do Reitor-Mor, a Visita extraordinária à Inspetoria do Oriente Médio: ter-se-ia prolongado até o dia 1.º de novembro.

Essa visita ofereceu a ocasião para encontrar os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora de oito nações, em três continentes, e fazer a experiência da presença salesiana em países muitas vezes citados por fatos de guerra ou terrorismo, pela fome ou a pobreza.

A Visita levou-o através da Síria, Líbano, Irã, Turquia, Israel, Jordânia, Egito e Etiópia. Nesta nação, além dos irmãos de Makallé e Adigrat, ligados ao Médio Oriente, pôde encontrar-se com os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora de Adis Abeba, de Dilla e Zway, que pertencem às Inspetorias da Lombardia e da Emília.

Tratou-se de uma experiência rica de emoções e de aventuras, mas também de satisfações e reflexões. Constatou como a obra de Dom Bosco seja reconhecida e aos seus filhos seja permitido penetrar

lá onde normalmente se acredita seja impossível. Encontrou irmãos heróicos, e contemplou a vastidão da messe e a urgência de bons operários.

Na volta esperavam-no três encontros do setor da Conferência inspetorial: Pastoral juvenil, Formação e Economia. Depois haveria os Exercícios Espirituais, a festa do Reitor-Mor e a retomada das reuniões do Conselho.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polónia

O Pe. Agostinho Dziedziel, Delegado do Reitor-Mor para a Polónia durante os meses de agosto-outubro desenvolveu as seguintes atividades principais.

Logo após sua chegada à Polónia, no mês de agosto, esteve presente na reunião dos Inspetores e fez várias visitas de animação, especialmente nas comunidades de formação dos SDB e das FMA. Em seguida convocou e presidiu a Conferência das Inspetorias da Polónia.

Acompanhou em sua primeira viagem os primeiros quatro irmãos poloneses destinados à fundação de missões salesianas na Uganda: deixou-os em Nairobi, no Quênia, onde realizarão uma preparação imediata ao trabalho missionário. Com um dos novos missionários realizou uma visita em Uganda para tomar conhecimento da situação e das propostas feitas pela Arquidiocese de Campala.

De volta à Polónia o Delegado tomou parte da romaria da Família Salesiana ao santuário mariano de Czestochowa, com o qual deu-se início, na Polónia, às celebrações do centenário DB '88. Participou também do Encontro dos Inspetores e Inspetoras, dos Diretores e

Diretoras de todas as Inspetorias da Polónia, reunidos para o estudo do Regulamento de vida apostólica dos Cooperadores Salesianos. Para ambos os acontecimentos esteve presente também o Pe. Sérgio Cuevas, Conselheiro para a Família salesiana, o Pe. José Reinoso, Delegado Central para os CC.SS. e o Sr. P. Santoni, Coordenador Mundial dos mesmos CC.SS.

Antes de voltar para Roma, o Pe. Dziejziel manteve um novo encontro com os Inspetores da Polónia.

O Secretário geral

Durante o período agosto-outubro, o Secretário geral presidiu três encontros dos Secretários inspetoriais em diferentes Regiões da Congregação. Os encontros realizaram-se:

— em Roma, de 7 a 11 de setembro para a Região da Europa Centro-Norte;

— em Barbacena (Brasil), de 21 a 25 de setembro, para as Inspetorias do Brasil;

— em Cumbayá (Equador) para a Região Pacífico-Caribe;

Estes encontros com os Secretários inspetoriais (que durante o ano de 1987 foram realizados para a Itália e o Médio Oriente e para as Inspetorias da Região Ibérica respectivamente em Roma no mês

de abril e em Sevilha em maio) foram orientados para aprofundar o nosso direito, após a aprovação do C.D.C. e das Constituições e para estudar aspectos organizativos na vida das nossas Inspetorias e comunidades. Um particular interesse foi dado à comunicação nos diferentes níveis e à conservação da nossa história, que se realiza através do cuidado dos arquivos e dos outros centros de documentação.

Com relação a isso deve-se assinalar o encontro realizado em Barbacena, ao qual participaram também as Secretárias FMA, junto ao Centro de Documentação salesiana, que aí foi implantado ao serviço de todas as Inspetorias do Brasil.

Durante estas reuniões o Secretário teve a oportunidade de visitar algumas casas, especialmente aquelas destinadas à formação nas Inspetorias onde passou. No Brasil, além da Inspetoria de Belo Horizonte, que hospedou o encontro, pôde realizar uma breve parada nas Inspetorias de Recife e de São Paulo. Na Região do Pacífico, após o encontro no Equador e após uma visita às casas de Quito, fez uma breve visita a Bogotá e a Caracas. Em todos os lugares tomou conhecimento da realidade viva da Congregação e admirou o trabalho desenvolvido pelos irmãos a favor dos jovens, especialmente dos mais necessitados.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1. Sínodo dos Bispos

Intervenções do Reitor-Mor

Como falou-se na Crônica (cf. n. 4.1), o Reitor-Mor, desde o dia 1.º ao dia 30 de outubro, tomou parte, como Superior Geral eleito, ao Sínodo dos Bispos sobre a vocação e missão do cristão leigo na Igreja.

Apresentamos aqui as intervenções feitas pelo Reitor-Mor durante o Sínodo: uma oralmente na Assembléia e a outra por escrito.

1. Formação dos Leigos e Pastoral Juvenil

(Intervenção na sala feita a 8/10/87)

*Santo Padre,
Veneráveis Pastores,
Irmãos, Irmãs:*

0. O "Instrumentum laboris" trata da formação dos leigos nos n.n. 70 e seguintes. A minha contribuição refere-se a um aspecto que já foi acenado nesta sala: a importância de uma "Pastoral juvenil" para chegar à formação de um Laicato forte.

1. Não é inútil reafirmar o que já várias vezes foi lembrado: o Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito, é, no seu conjunto, o sujeito da missão de salvação na história e da vocação à santidade.

Antes de adentrarmos em precisar as distinções (e também para aprofundá-las corretamente) é necessário insistir sobre aquilo que é comum. A grandeza e a dignidade

cristã estão em sermos todos filhos de Deus, membros do Corpo de Cristo e pedras vivas do Templo do Espírito; as notas que distinguem os vários membros entre si são orientadas para especiais tarefas e serviços a favor da missão comum.

2. Neste sentido toda a Igreja, na harmonia das suas componentes, é o grande Sacramento de salvação da humanidade. A harmonia entre as dimensões comuns e as diferenças específicas que nela existem, poderiam se expressar assim:

- toda a Igreja é "secular", mas nem todos os membros são "leigos";
- toda a Igreja é "evangelizadora", mas nem todos os seus membros são "religiosos";
- toda a Igreja é "contemplativa", mas nem todos os seus membros são "monges e monjas";
- toda a Igreja é "evangelizadora", mas nem todos os seus membros são "sucessores dos Apóstolos";
- toda a Igreja é "sacerdotal", mas nem todos os seus membros são "bispos e padres";
- toda a Igreja é "régia", mas nem todos os seus membros são "pastores"; etc.

O fato, por exemplo, que toda a Igreja tenha uma "dimensão secular" não contradiz nem suprime, aliás exige e convida para aprofun-

dar o sentido peculiar da "índole secular" (LG 31) própria e específica dos Leigos. De maneira análoga dever-se-ia proceder para cada uma das outras dimensões apresentadas.

3. Existe, portanto, uma dupla dimensão para refletir sobre o mistério da Igreja. Trata-se, porém, de dois aspectos complementares e mutuamente indispensáveis: aquele "comum" a todos e aquele "específico" dos vários grupos.

Com relação à Pastoral a favor dos jovens, ninguém pode duvidar em escolher naturalmente a primeira dimensão de reflexão: aquela da vocação comum. A juventude, de fato, é aquela grande porção do povo de Deus que está crescendo na vocação comum em caminho para as diferenças específicas.

Por outro lado, a juventude é também aquela grande porção da humanidade que experimenta normalmente, de maneira simultânea e constitutiva, as contribuições da educação para uma sua gradual promoção humana.

Em ambos estes aspectos juvenis (de vocação cristã e de crescimento cultural) constata-se hoje uma forte novidade. E é exatamente por isso que se fala continuamente (e não só para os jovens) de "nova evangelização" e de "nova educação".

4. Os Pastores são convidados por esta realidade objetiva a considerar toda a complexa condição juvenil, superando a interpretação restritiva e dualista que gostaria de identificar a Pastoral juvenil só na "evangelização" e "catequese". Ela deve-se abrir, no entanto, também à pedagogia, porque é interpelada pela própria realidade "a evangelizar educando". É suficiente pensar naquilo que devem fazer os pais cristãos com os seus filhos.

Será portanto necessário saber assumir na ótica da Pastoral juvenil (de acordo com as diferentes idades e sexo), também o complexo problema cultural da educação, se quisermos verdadeiramente remediar com a rachadura entre Evangelho e cultura. A tarefa explícita será a de formar um cristão que, exatamente porque tal, é um qualificado e responsável cidadão.

No n. 47 do "Instrumentum laboris" fala-se de "evangelização e inculturação"; portanto: é desde o início da formação do jovem que este binômio exige um desenvolvimento em simbiose vivida.

O Evangelho deve ser apresentado como fermento e objetivo transcendente da mesma promoção humana dos jovens.

5. Hoje tornou-se necessário elaborar Projeto de Pastoral juvenil que sejam práticos e encarnados.

Neles será conveniente assegurar e especificar quais serão as linhas mestras.

Indico resumidamente algumas:

- a. uma "*espiritualidade juvenil*" do cotidiano e da festa, que seja viva e pluriforme de acordo com os carismas suscitados pelo Espírito, visando explicitamente à santidade. Não uma espiritualidade deduzida festivamente dos princípios especulativos, mas sim dirigida para modelos concretos e que valorize os jovens como protagonistas. Ela exige ao mesmo tempo o cuidado da "interioridade" e do "apostolado", promovidos gradualmente com uma adequada pedagogia de santidade;
- b. um "*especial cuidado pelas vocações*" criando um clima e contatos úteis ao discernimento, revitalizando os benefícios

da direção espiritual. Deveria ser esta uma das características mais cuidadas da Pastoral juvenil;

- c. uma “forte sensibilidade para a dimensão social e comunitária”. O Processo de socialização é um dos grandes sinais dos tempos que comporta a revisão tanto da evangelização como da educação; dá origem a uma verdadeira novidade na prática das virtudes cristãs, fazendo aparecer novas perspectivas de santidade;
- d. uma “competência pedagógica” para seguir os jovens no seu crescimento cultural e na iniciação ao trabalho. Aqui se apresenta todo o vasto panorama da educação e da escola (humanista e técnica) que não pode estar alheia às preocupações e aos cuidados dos Pastores;
- e. por fim (também se a lista não termina por aqui) “um acompanhamento inteligente e pedagógico das expressões de *alegria* da atividade artística, lúdica e musical, próprias da fecundidade inventiva da juventude.

6. É oportuno, em particular, insistir que o Espírito Santo, princípio animador da vida da Igreja, privilegiou de fato este setor da Pastoral suscitando numerosos carismas a favor da juventude. Seria óbvio que todos, no Povo de Deus, considerassem com maior atenção estas iniciativas do Espírito, discernindo os valores, apreciando as originalidades, respeitando sua colocação e seus espaços de ação. Hoje, uma Pastoral juvenil atualizada exige diálogo seja dos carismas entre si, seja sobretudo dos carismas com os Pastores; exige também uma certa maleabilidade “na e acima das paróquias”, par-

ticularmente nas grandes cidades, para adequar-se mais realisticamente à condição juvenil concreta.

7. Concluindo: a Formação dos Leigos é na verdade um grande desafio que pede urgentemente a elaboração de Projetos concretos de presença pastoral.

É estimulante o que afirma o “Instrumentum laboris” no n. 33: “em certo sentido — afirma — ao estado laical são ordenados os outros dois” (aquele sacerdotal e aquele religioso); como para dizer que na Pastoral é preciso focalizar claramente e mais intensamente os Leigos.

O Concílio nos colocou diante de uma apresentação — invertida da Igreja: antes, consideravam-se posicionados na fronteira o Clero e os Consagrados; agora, com a visão do Povo de Deus fermento da unidade, somos convidados a tomar consciência que na fronteira deve trabalhar exatamente o Laicato; também se reconhecendo que “de outros pontos de vista — como diz o texto citado ao estado sacerdotal ou ao estado religioso são por sua vez ordenados os outros”.

Esta referência e este estímulo são vistos ainda mais claramente no caso da Pastoral juvenil: os Pastores, os Religiosos e os próprios Leigos adultos são chamados a considerar as suas diferenças específicas como ordenadas a cuidar, orientar, promover e assegurar os valores da vocação comum nos jovens para que neles possam crescer e amadurecer as várias vocações entre as quais está a dos Leigos bem formados.

Em lugar de desentendermos ou de sentirmo-nos incomodados com os jovens, deveríamos lembrar, com um pouco de humor, o que dizia com aguda intuição o famoso artista Picasso, considerando a evo-

lução da sua produção pictórica: "Para aprender a ser jovens é preciso muito tempo!"... como para dizer, para nós, que Pastores, Religiosos e Leigos adultos deveriam possuir pela sabedoria da idade, um precioso diploma que os habilita a ajudar pastoralmente a juventude!

Obrigado!

2. Para uma descrição positiva do "Fiel Leigo"

(Intervenção escrita após a apresentação sintética dos Círculos).

0. Não se busca uma "definição" do Leigo na Igreja, mas sim uma sua "descrição tipológica" na seqüência indicada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

Poder-se-iam esclarecer as dificuldades e ambigüidades percebidas nos anos pós-conciliares.

1. Nas primeiras semanas de trabalho do Sínodo sobre a Vocação e Missão do Leigo percebeu-se uma forte insistência sobre os valores comuns a todos os membros do Povo de Deus. Esses valores brotam dos sacramentos da iniciação cristã (Batismo — Crisma — Eucaristia) e outorgam a todos a dignidade de "filhos de Deus", de "discípulos de Cristo", de "fiéis", na comunhão orgânica do Corpo de Cristo na história que é a Igreja.

O Leigo, portanto, é — como todos — um "fiel" com toda a riqueza de vocação e de missão que isto comporta.

Até aqui é tudo "positivo".

2. Alguns Padres sinodais, por outro lado, insistiram sobre a dimensão secular enquanto ela é própria de toda a Igreja: o Povo de Deus, de fato, em todo o seu con-

junto deve ser Sacramento de salvação na história viva (ou seja "in saeculo").

Devemos portanto reconhecer uma característica global da "secularidade" para toda a Igreja. O Papa Paulo VI afirmou, comentando GS 40, que "toda a Igreja possui uma autêntica dimensão secular, inerente à sua íntima natureza e missão, cuja raiz se insere no mistério do Verbo encarnado, e que se realiza em diferentes modalidades nos seus membros" (aos representantes dos Institutos Seculares, 2 de fevereiro de 1972).

O Leigo, portanto, juntamente com todos os outros fiéis, é chamado a responder cristãmente aos desafios e às necessidades do homem contemporâneo.

3. Partindo destas duas considerações alguém propôs de esquecer (aliás de corrigir) o que se falou sobre "a índole secular" do Leigo no n. 31 da "Lumen gentium". Poder-se-ia suprimir o uso da palavra "leigo", porque seria suficiente o qualificativo de "fiel cristão". Tratar-se-ia somente de desenvolver o tema do Sacerdócio Comum e do aspecto profético e régio introduzidos pelo Batismo na realidade secular de todo o Povo de Deus.

4. Porém, fazendo assim, não seríamos fiéis à visão proposta pelo Vaticano II. E isto não só não seria aceitável, mas não ajudaria para esclarecer a figura do Leigo.

Alguém diz que a dificuldade de descrição passaria para o padre e o religioso porquanto seriam propriamente "não Leigos".

5. O Sínodo Extraordinário de 1985, vinte anos depois do Concílio exorta a uma mais profunda aceitação dos documentos conciliares: "a interpretação teológica da doutrina conciliar deve ter presente todos os documentos em si mesmos

— afirma a “Relatio finalis” no n. I,5 — e na sua conexão com os outros, de maneira que seja possível compreender e expor o significado integral das determinações do Concílio, muitas vezes bem complexas”.

A “Relatio” dedica toda uma parte à Igreja como “comunhão” (II, C), sublinhando a participação e a corresponsabilidade dos Leigos (cf. II, C, n. 6).

Dedica, depois, uma outra parte, à “Missão da Igreja no mundo” sublinhando o peculiar valor da *Gaudium et Spes*: “afirmamos a grande importância e a grande atualidade da Constituição pastoral *Gaudium et Spes*” (cf. II, D, n. 1). De fato, “a Igreja como comunhão é Sacramento para a salvação do mundo” (ibid.).

6. Assim que: os documentos do Vaticano II falam da situação histórica da Igreja no século em dois níveis distintos: um para toda a Igreja entendida globalmente como Povo de Deus no mundo, e, o outro, para os Leigos quando se descreve a sua específica “índole secular”.

a. “*Dimensão secular*” de toda a Igreja: é o reconhecimento da sua “historicidade” expressada particularmente na *Gaudium et Spes*. Por ex.: a Igreja “sente-se realmente e intimamente solidária com o gênero humano e com a sua história” (n. 1); “a presença e a ação da Igreja no mundo... que é teatro da história do gênero humano” (n. 2). Ela “está inserida no meio da família humana... Trata-se de salvar a pessoa humana, trata-se de edificar a sociedade humana” (n. 3); etc, cf. nn. 5, 6, 7, 8, 9, 10.

b. “*Índole secular*” dos Leigos: é a descrição tipológica que dis-

tingue os Leigos dos membros Ordenados e dos Religiosos, no sentido que, sendo com eles e como eles “fiéis” incorporados em Cristo e constituídos Povo de Deus com a mesma dignidade e em comunhão e participação da mesma vocação e missão na história, “buscam o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no século, isto é, em cada um dos ofícios e trabalhos do mundo. Vivem nas condições ordinárias da vida familiar e social, pelas quais sua existência é como que tecida” (LG 31).

7. Não deveria causar maravilha esta dupla dimensão, característica da natureza misteriosa da Igreja. Também para o aspecto “sacerdotal” fala-se de um sacerdócio “comum” para todos e de um sacerdócio “ministerial” específico dos ordenados (cf. LG 10). Assim também com relação ao testemunho do espírito das bem-aventuranças no seguimento de Cristo: existe uma profunda atitude espiritual comum a todos (cf. vocação universal à santidade, LG 39-42; também os Leigos devem difundir no mundo o espírito das bem-aventuranças LG 38, GS 72, AA 4), mas existe outro aspecto específico da radicalidade dos Religiosos (“por seu estado dão brilhante e exímio testemunho de que não é possível transfigurar o mundo e oferecê-lo a Deus sem o espírito das bem-aventuranças” (LG 31).

8. Para evitar confusões ou conclusões apressadas será necessário aprofundar, na orientação apresentada pelo Concílio, o significado próprio e específico desta particular “índole secular”.

A secularidade, em geral, não deve ser entendida num dualismo que divide o Mundo da Igreja, mas

como o conjunto dos valores criaturais do mundo no seu devir histórico (no 'século') vinculado à encarnação do Verbo e destinado a ser recapitulado no Cristo (o Reino de Cristo para o Reino de Deus — passim no Vat. II).

De fato, "a missão da Igreja não é só fazer chegar a mensagem de Cristo e a sua Graça aos homens, mas também de permear e aperfeiçoar a ordem das realidades temporais com o espírito evangélico" (AA 5; cf. 2 e 7).

Não se trata, portanto, de uma simples condição existencial, de um tipo exclusivamente sociológico, que se acrescenta vindo de fora como uma capa velha e transitória no tempo. Os Padres expressavam a profunda natureza cristã desse vínculo intrínseco afirmando que aquilo que não é assumido (pelo Verbo — pelos cristãos) não é resgatado.

9. A especial "índole secular" dos Leigos não é o de entendê-la como uma qualquer dignidade "a mais" do ser cristão, assim como não é uma maior dignidade cristã ser sacerdote ordenado em comparação ao sacerdócio comum, também se comporta uma própria e especial tarefa de salvação. Essa "índole" consiste em permear a realidade cotidiana da vida do homem com a riqueza batismal da "energia da ressurreição". O Leigo considera que é sua vocação e missão cristã realizar essa grande tarefa vivendo inserido nos valores temporais para assumir, promover e purificar a autonomia. Por obra dele, esta autonomia recebe a plena realização na recapitulação em Cristo.

Os Leigos propõem-se assim "explicitar todas as suas atividades terrenas, unificando os esforços humanos juntamente com os bens

religiosos, sob cuja altíssima direção tudo é coordenado para a glória de Deus" (GS 43).

É esta a diretriz da encíclica "Redemptor Hominis" em que Cristo é apresentado como "Redentor do mundo! NEle revelou-se de maneira nova e mais admirável a fundamental verdade sobre a criação... NEle o mundo visível, criado por Deus para o homem — esse mundo que, tendo caído no pecado, foi submetido à corrupção (Rm 8,20) — readquire novamente o vínculo original na mesma fonte divina da Sabedoria e do Amor" (RH 8).

O "específico" do Leigo, portanto, implica assumir, a partir de dentro, as realidades temporais da criação para promovê-las e purificá-las através da novidade de vida que lhe advém pela iniciação cristã, harmonizando-as na síntese vital da recapitulação em Cristo. Assume as condições de vida comuns a todos os homens envolvendo-as com as riquezas da novidade evangélica.

10. Assim a "descrição tipológica" do Leigo apresenta-se claramente positiva do ponto de vista cristocêntrico das dignidades comuns a todo o Povo de Deus, seja do ponto de vista da tarefa eclesial de permear e aperfeiçoar a ordem das realidades temporais com o espírito evangélico (cf. AA 5).

Seria pois interessante propor, num primeiro momento, a atual "secularidade" de toda a Igreja com os principais aspectos globais de desafio e de necessidade de redenção (cultura, economia, política, família, mundo do trabalho etc.) e depois, num segundo momento, precisar a "índole secular" do Fiel Leigo.

Pe. Egidio Viganó

5.2. Seminário

"Pedagogistas Salesianos"

Síntese dos trabalhos e conclusões

Nos dias 21 a 26 de setembro de 1987 realizou-se na Casa Geral o seminário sobre "Prática educativo-pastoral salesiana e Ciências da Educação", organizado pelo Dicastério de Pastoral Juvenil e pela Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Pontifícia Salesiana. Participaram 76 salesianos de 29 Inspetorias, estudiosos das ciências da educação, animadores pastorais, irmãos com encargos de governo. Também estiveram presentes 8 FMA da Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação "Auxilium" e do Centro Internacional de Pastoral Juvenil.

O encontro foi o ápice de uma longa preparação iniciada no mês de fevereiro de 1985 e que desenvolveu diferentes etapas: perfil dos destinatários, pesquisa sobre os temas de maior interesse, escolha dos temas, convites aos participantes, entendimento entre os relatores, organização final.

Os objetivos do seminário foram indicados pelo Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil na abertura do mesmo: responder à urgência sentida em diferentes contextos para dedicar uma renovada atenção à dimensão pedagógico-educativa do nosso trabalho; refletir sobre as exigências de renovação que o atual desenvolvimento das Ciências da educação impõe à prática e à teoria educativas; aprofundar a relação entre prática educativo-pastoral salesiana e Ciências da educação.

O desenvolvimento e as conclusões do seminário foram resumidos

num relatório, que foi elaborado por um grupo e aprovado em suas linhas gerais pelos participantes.

Apresentamos aqui para o conhecimento de todos esse relatório.

1. Os trabalhos do seminário foram abertos com uma série de relações que tinham como finalidade oferecer a base histórica e ideológica sobre a qual iniciar o debate.

Especificou-se antes de tudo a posição da figura de Dom Bosco no contexto do movimento cultural do seu tempo e na memória histórica que dele traçaram estudiosos salesianos e não salesianos (P. Stella). Aprofundou-se a tarefa de Dom Bosco e das primeiras gerações de salesianos no estudo e na utilização das Ciências da Educação (J. M. Prellezo). Foram analisadas as modalidades de integração das Ciências da Educação na prática educativo-pastoral nalgumas significativas experiências pedagógicas mais recentes (G. C. Milanese). Focalizou-se o caminho que levou à formação de uma nova consciência da Congregação em relação ao compromisso educativo-pastoral e às exigências formativas inerentes (J. Vecchi).

O debate que se seguiu às relações evidenciou que no ambiente salesiano, bem como naquele eclesial mais amplo, verifica-se prevalentemente a separação entre prática educativo-pastoral e Ciências da educação, também se não faltam tentativas mais ou menos positivas de síntese, que pelo menos superaram o nível de clara oposição e do ecletismo.

Entre as razões desta falta de integração indicou-se sobretudo o temor de comprometer a originalidade e a especificidade da mensagem pedagógica de Dom Bosco em sínteses perigosas com ciências alicerçadas em premissas antropon-

lógicas discutíveis, ambíguas, longe da visão cristã da vida; mas também constatou-se a pouca confiabilidade de algumas Ciências da educação, ainda carentes de um estatuto epistemológico claro e com experiências confiáveis na prática.

Afirmou-se a necessidade de continuar na análise minuciosa da vivência salesiana neste setor, isto é, das experiências de integração entre prática e Ciências da educação nos setores típicos do trabalho salesiano: escolas, oratórios, paróquias, centros juvenis, formação profissional etc.

Sublinhou-se a importância do novo enfoque pastoral dado na Congregação, seja a nível de reflexão como a nível de política geral, também percebendo os riscos de uma redução do educativo ao pastoral e do pastoral ao educativo.

Evidenciou-se a importância de um claro enfoque educativo, com uma específica identidade própria, no contexto do trabalho apostólico salesiano, definido como ação de evangelização dos jovens.

2. Os trabalhos do segundo dia propuseram na abertura um debate com uma articulada apresentação da problemática sobre as *relações entre pastoral e educação*, sobretudo à luz do Magistério atual e de diversificadas contribuições teológicas (contribuições de G. Groppo, E. Alberich e R. Tonelli).

Para além das reais diversidades de fundamentação teórica oferecidas pelos relatórios e da efetiva dificuldade na unificação da terminologia utilizada, apareceu uma convergência de princípios na afirmação da unidade do ato educativo-pastoral, assegurada pela coincidência real de finalidades (salvação total, evangelização...) a distinção (não contraposição) entre os dois momentos desse ato, a ne-

cessidade dialética que lhe garante a autenticidade.

O debate que se seguiu reconheceu a necessidade prática de adotar na prática salesiana a orientação surgida na reflexão dos últimos capítulos gerais (e a terminologia utilizada nos documentos oficiais), que insiste sobre a unidade e a articulação específica do ato educativo pastoral; foram portanto assinaladas as consequências presumíveis, exatamente ao nível de identidade e de vida salesiana, produzidas pelo acento unilateral de uma ou de outra das duas dimensões complementares da ação apostólica.

As dificuldades mais sérias manifestaram-se a nível de aprofundamento teórico do problema; neste campo notou-se a diversidade de perspectivas teológicas e foram avaliadas as perspectivas práticas presentes em cada uma delas; sublinhou-se a urgência de uma sistematização epistemológica mais satisfatória na relação entre Ciências teológicas e Ciências da educação; constatou-se a necessidade de chegar a sínteses operacionais que pedem escolhas meditadas e claras.

Com relação a esta última instância podem-se citar a título de exemplo a orientação da animação (privilegiada na Itália e na Espanha) e a orientação da diaconia-martírio-litúrgica-Koinonia (privilegiada no âmbito da língua alemã).

Por fim reconheceu-se a dificuldade, percebida por não poucos salesianos, no confronto entre estas dimensões a nível teórico, seja pela urgência da ação, seja por uma certa falta de preparo sobre o argumento.

3. Os trabalhos do terceiro dia do seminário buscaram responder à necessidade, surgida nas análises

ses anteriores, de *qualificar o educativo através de uma utilização sistemática das Ciências da educação*.

Nesta perspectiva foi apresentado um amplo leque, também se não completo, dos novos questionamentos educativos, evidenciados seja pelo contexto juvenil mais problemático — como a tóxico-dependência (Tomas), a indiferença religiosa (Brecheisen), os jovens não evangelizados (Nava) —, seja pelos setores da vida salesiana — como o associacionismo (De Pablo), a comunicação social (Bosco), a reflexão pedagógica (Nanni).

O aprofundamento dos desafios pedagógicos inseridos nos questionamentos educativos foi unido com a análise de temas de caráter geral já estudados nos dias anteriores.

Discutiu-se em particular da presença ou não entre os salesianos de uma consciência adequada à necessidade da reflexão pedagógica sistemática, para poder trabalhar de maneira qualificada no campo educativo. Com relação a isto, também se tomando ato que existe uma crescente consciência do problema, notou-se que esta consciência é em geral insuficiente ou é levada por impulsos externos, mas não é nem refletida nem adequada. Em muitos casos a necessidade de reflexão, também se presente, foi frustrada pela ausência de bases operacionais. Afirmou-se que as falhas apontadas devem ser atribuídas em particular a uma certa falta de centros e de equipes, capazes de facilitar a nível intermediário (inspetorial ou local) a mediação entre as elaborações científicas próprias das Ciências da educação e as exigências operacionais dos salesianos.

Com relação às modalidades concretas da utilização das Ciências da educação para uma progressiva qualificação da ação educativo-pas-

toral dos salesianos, foram apontadas algumas propostas interessantes, entre as quais valorizar e aprofundar o PEPS, dar vida a centros, instrumentos e ocasiões para uma experimentação pedagógica; utilizar as contribuições dos centros de consulta psico-sócio-pedagógica; organizar equipes de animação educativa a nível nacional ou inspetorial; valorizar as escolas de magistério; fundar revistas de divulgação e animação educativa; praticar o “*scrutinium educationis*”; sustentar a validade e centralidade da avaliação educativa em todos os níveis; aplicar aos nossos contextos a análise institucional.

Com relação a estas e outras propostas, pediu-se o trabalho dos centros de estudo da Congregação, sobretudo da Faculdade de Ciências da Educação da UPS, na pesquisa e na experimentação, reenviando as mediações operacionais aos centros de mediação periféricos.

4. Na última fase dos trabalhos do seminário (quarto dia) foram aprofundados em particular os temas inerentes com a *integração e a valorização das Ciências da educação no processo formativo dos salesianos*.

Uma primeira relação (Schepens) traçou, à luz da “*Ratio*” a identidade do salesiano maduro, indicando os conteúdos e as fases da formação intelectual e das experiências práticas formativas, relativas às competências educativas no contexto da formação integral do salesiano; sob o aspecto metodológico solicitou-se a prática da “*supervisão*” personalizada do processo formativo do salesiano, sobretudo no seu momento prático (o tirocínio).

Uma segunda relação (Arto) desenvolveu um quadro articulado das questões teóricas e práticas

que a identidade e a prática salesiana propõe às Ciências da educação, que deveriam responder com contribuições científicas e com instrumentos operacionais de mais imediata utilização.

A discussão ao redor destes temas privilegiou antes de mais nada a exigência de uma preparação que permita superar o genericismo e de chegar a um nível satisfatório de profissionalidade pedagógica para todos os salesianos, não excluindo a hipótese de uma formação especializada, que não se apresente contra a necessidade da mobilidade dos educadores, quando o exigissem as necessidades do trabalho apostólico, como acontece em muitos contextos sócio-culturais.

Percebeu-se a dificuldade em realizar em tempos relativamente medidos o processo cada vez mais exigente da formação pedagógica dos salesianos, sublinhando a oportunidade de fazer em nível local escolhas claras e de privilegiar certas prioridades no contexto de muitas oportunidades formativas oferecidas pelas Ciências da educação, tendo também como objetivo as perspectivas de desenvolvimento e de mudança presentes na sociedade, na Igreja e na Congregação.

O debate identificou não poucas dificuldades com relação à formação intelectual com reconhecimento do Estado; revelou-se a presença de tensões entre exigências da cultura e exigências da profissionalidade, entre formação geral e especialização, entre Ciências da educação e Sistema preventivo (o Sistema preventivo em seu núcleo carismático como instrumento de re-compreensão das Ciências da educação ?), entre ciência e sabedoria, entre teoria e técnica.

Por fim, desejou-se que o salesiano seja preparado também para

ser um "multiplicador" da cultura pedagógica e de perspectivas educativas entre os colaboradores leigos e para outros operadores sociais.

Tentando um balanço conclusivo dos vários entendimentos do debate, podem-se apontar algumas indicações, também operacionais, que pedem uma ulterior reflexão e tarefa.

1. Aparece antes de tudo a necessidade de *qualificação educativa* da ação salesiana em todos os níveis, começando pelas pessoas para se estender depois às orientações gerais, aos projetos específicos em cada setor de intervenção, a cada um dos atos educativo-pastorais. Isto poder-se-á realizar se for intensificada a troca circular de informações e de estímulos entre os organismos da Congregação, centros de estudo e de animação, salesianos comprometidos na prática. Assim são auspiciosas outras ocasiões periódicas de encontro e de confrontação entre as diferentes componentes do diálogo ao qual este seminário deu início. Deve-se também estudar formas oportunas de coordenação entre as pessoas e centros que na Congregação se dedicam ativamente ao estudo, ao ensino e à aplicação das Ciências da educação.

2. A qualificação educativa da ação apostólica requer um decidido esforço na *formação inicial e permanente dos salesianos*. Para esta finalidade poderão contribuir não só os centros de estudo e de formação da Congregação (a FCE da UPS, os noviciados, os pós-noviciados, os estudantados), mas também as estruturas intermediárias de animação. Neste aspecto aparece urgente e imprescindível também a utilização institucional (e não só individual) das competências adquiridas por salesianos nas diferentes especializações pedagógicas,

onde assegurar na prática uma assistência orgânica e não saltuária ou ocasional.

3. A recuperação da qualidade educativa da ação apostólica dos salesianos deve certamente concretizar-se numa mais *competente profissionalidade pedagógica*: ao mesmo tempo é essencial reconduzir a tarefa educativa ao sentido profundo da escolha de vida que caracteriza a identidade como *opção radical pelo Cristo na vida apostólica* ao serviço da evangelização dos jovens.

Isto tornará mais produtiva e propulsiva a consciência das tensões ainda hoje existentes entre memória salesiana e Ciências da educação, entre finalidades/conteúdos da evangelização e contribuições da pedagogia, entre prática e "assistência" científica.

4. Estes e outros problemas ainda abertos exigem esclarecimentos e aprofundamentos que ulteriores iniciativas de estudo e de avaliação poderão ajudar a resolver. Espera-se portanto a realização periódica de seminários sobre linhas temáticas orgânicas sob a coordenação da FCE e dos Dicastérios interessados.

5.3. Novo Bispo Salesiano

Para suceder ao saudoso Mons. Walter Bini, morto tragicamente no mês de junho do ano passado, o Santo Padre nomeou Bispo de Lins (Brasil) o nosso irmão Pe. IRINEU DANELON, que há um ano era Inspetor da Inspetoria de São Paulo. A notícia foi publicada no Osservatore Romano de 3 de dezembro de 1987.

Nascido no Estado de São Paulo, precisamente em Piracicaba a 4 de abril de 1940, mons. Danelon é salesiano desde o dia 31 de janeiro de 1958 e sacerdote desde o dia 6 de setembro de 1967. Alcançou a Licença em Filosofia e Letras em São Paulo e aquela de Pastoral Catequética na nossa Universidade Pontifícia de Roma.

Antes de sua nomeação o Inspetor dirigira o Estudantado filosófico de Lorena e o Liceu de Campinas. Participou também do CG 22 na qualidade de delegado dos irmãos da Inspetoria de São Paulo.

Na nossa Sé episcopal entra portanto com uma notável experiência no campo educativo e pastoral e com o típico espírito salesiano.

5.4. Irmãos falecidos (1987 — 4.ª relação)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const.).

| NOME | LUGAR e DATA da morte | IDADE | INSP. | |
|--------------------------------|-----------------------|----------|-------|-----|
| P. ABRAMS Hubert | St-Pieters-Woluwe | 23-09-87 | 74 | BEN |
| P. ARMIÑANA José | Shillong | 28-02-87 | 58 | ING |
| L. BARRERA PARRA Patrocínio | Cúcuta | 20-08-87 | 82 | COB |
| L. BEJARANO CHOQUE Pedro | Bogotá | 02-08-87 | 82 | COB |
| L. BORDIGNON Settimo | Chieri | 16-12-87 | 67 | ICE |
| L. BOSCHIN Luigi | Brescia | 10-11-87 | 87 | ICE |
| L. CABIDDU Francesco | Albano Laziale | 02-12-87 | 90 | IRO |
| P. CHEVOLLEAU Hébert | Clermont-Ferrand | 26-09-87 | 66 | FPA |
| L. COGLIATI Ambrosio | Roma | 08-11-87 | 73 | ICE |
| P. COLOMBINI Giov. Battista | Banpong | 14-12-87 | 80 | THA |
| <i>Foi Inspetor por 6 anos</i> | | | | |
| P. CONFALONIERI Santo | Gela | 23-07-87 | 66 | ISI |
| P. CVETKO Ivan | Krapinske Toplice | 08-06-87 | 82 | JUZ |
| P. DE MARTIS Pietro | Ossi (Sássari) | 11-10-87 | 61 | BRE |
| P. DELL'ORO José Blas | Uribelarrea | 13-09-87 | 88 | ALP |
| P. DEL TORCHIO Carlo | Varese (Itália) | 15-12-87 | 53 | BCG |
| L. do NASCIMENTO Maria Hip. | Coxipó da Ponte | 03-10-87 | 91 | BCG |
| P. ETCHART José Oscar | Juarez (Buenos Aires) | 15-11-87 | 60 | ABA |
| P. FRIGO Antonio Pasavento | Udine | 02-09-87 | 78 | IVE |
| P. GELEYN Giulio | Santiago do Chile | 13-09-87 | 77 | CIL |
| L. CIAMPAOLI Abele | Lombriasco | 17-09-87 | 82 | ISU |
| P. GIL FURTADO Francisco | Montevideo | 10-11-87 | 89 | URU |
| P. GUERIN Jean André | La Crau | 20-11-87 | 88 | FLY |
| P. HOPKINS James Anthony | Ballínakill | 30-08-87 | 71 | IRL |
| P. KAHNÉ Stanis | Radenci | 30-09-87 | 66 | JUL |
| L. KISS József | Budapest | 30-11-87 | 87 | UNG |
| L. KONAN Jan | Nitra | 24-08-87 | 75 | CEB |
| P. KONYA Ferenc | Fulopszilas | 25-10-87 | 73 | UNG |
| P. KISTANJEVEC Jozse | Trstenik | 29-06-87 | 87 | JUL |
| P. KUCINSKI Teofil | Twardogora | 01-10-87 | 81 | PLO |
| P. KURTA Alphonse | Nice | 07-12-87 | 73 | FLY |
| P. LESNIAK Marian | Boleszkowice | 28-10-87 | 47 | PLN |
| P. LUPI Leopoldo | Milano | 12-12-87 | 74 | ILE |

| | | | | |
|--|-----------------------|----------|----|-----|
| L. MARINONI Giacomo | Novara | 24-10-87 | 84 | INE |
| P. MARIOTTA Alfredo | Bombaim | 22-10-87 | 76 | INB |
| P. MONTERUMICI Arturo | Albano | 28-09-87 | 78 | JRO |
| P. MORALES MORALES Hiscio | Barcelona | 15-09-87 | 81 | SMA |
| P. O'FLYNN Thomas | Farnborough | 19-11-87 | 78 | GBR |
| P. OJEDA BLANCO Isaías | Caracas | 02-12-87 | 88 | VEN |
| <i>Foi Inspetor por 4 anos</i> | | | | |
| L. OPEZZO Antonio | Torino | 23-11-87 | 84 | ISU |
| P. OREGLIA Francisco | Mendoza | 05-08-87 | 75 | ACO |
| L. PAGLIASOTTI Giacomo | Torino | 10-12-87 | 80 | ICE |
| P. PAGNAMENTA Giacomo | Lugano | 27-11-87 | 66 | INE |
| P. PILLA Ruggiero | Caserta | 15-10-87 | 76 | IME |
| <i>Foi Inspetor por 5 anos e Ecônomo Geral por 20 anos</i> | | | | |
| E. PINTADO José | Cuenca (Equador) | 18-11-87 | 84 | — |
| <i>Foi Inspetor por 1 ano e Vicário Apostólico de Méndez por 15 anos</i> | | | | |
| P. PRUS Stefan | Warszawa | 03-12-87 | 69 | PLE |
| P. RUSSO José | Bernal | 20-10-87 | 76 | ALP |
| P. SABALIAUSKAS Antonio | Boston | 29-07-87 | 82 | SUE |
| P. SCRIBANTE Lorenzo | Cuiabá | 12-10-87 | 74 | BCG |
| L. SENECA Vincenzo | Banpong | 22-10-87 | 82 | THA |
| P. SENGSTSCHMID Rudolf | Waidhofen/Ybbs | 05-05-87 | 68 | AUS |
| P. SERSEN Anton | Adamovské Kachanovce | 19-08-87 | 78 | CEB |
| P. SGROI Angel | Maximo Paz (Santa Fé) | 24-10-87 | 56 | ARO |
| P. SPAGGIARI Pier Antonio | Forlì | 04-10-87 | 64 | IAD |
| L. TERENCE Secondo | Borgomanero | 04-11-87 | 67 | INE |
| P. TOMÉ NEBRERA Antonio | Madrid | 26-11-87 | 52 | SMA |
| L. van BAAL François | Utrecht | 10-11-87 | 68 | OLA |
| P. van DE VENNE Polydoor | Leuven | 09-10-87 | 77 | BEN |
| P. VANA Biagio | Torino | 06-10-87 | 68 | ISU |
| P. VESELY Alois | Brno | 18-08-87 | 77 | CEP |
| P. VILLASANTA Paolo | Cagliari | 11-09-87 | 62 | ISA |

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Caixa Postal 30.439
Fone: (011) 279-1211 (PABX)
01051 — SÃO PAULO — SP
Telex: (011) 32431 ESPS BR